

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS**

PROJETO DE GRADUAÇÃO II

APARECIDA

EVELYN HOLZ DE CARVALHO

ORIENTADORA:

Profa. Dra. Alessandra Lucia Bochio

BANCA:

Profa. Dra. Marina Polidoro

Prof. Dr. Munir Klamt

Porto Alegre/RS

03 de abril de 2023

Evelyn Holz de Carvalho

APARECIDA

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel(a) em Artes Visuais.

Orientador(a): Profa. Dra. Alessandra Lucia Bochio

Porto Alegre/RS

03 de abril de 2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Ivan Aguiar e Lourdes Holz que me incentivaram a entrar na UFRGS e apoiaram toda minha trajetória. E minha família que sempre esteve presente em minha vida.

Aos meus colegas de faculdade, Dantara, Alex, Erika, Victor, Milena e Lucas, que me acompanham desde o primeiro ano da faculdade, dividindo suas alegrias, inseguranças, ideias, amparos e pacotes de merengue durante os intervalos de aula. Em especial a Dantara, a qual conheci no dia da matrícula, com sua animação contagiante e que se tornou uma das minhas melhores amigas e dupla de mirabolantes projetos de arte e Alex que se tornou minha dupla de tcc e um grande amigo do qual quero levar para a vida.

Ao meu grande amor, Lúcio Franco, que me deu apoio nos momentos que mais precisava, me deu colo quando achava que o mundo ia desmoronar e me incentivou a concluir este trabalho nos momentos que pensava que não iria dar conta.

Às minhas amigas Alessandra, Luana e Franciele, que estiveram sempre do meu lado. Que compartilhamos momentos de alegria e de tristeza e celebrações de cada conquista. Lutamos juntas diversas batalhas sem nunca largarmos a mão uma da outra.

Ao corpo docente, que me apresentou a diversos caminhos.

Gostaria de agradecer minha orientadora, Alessandra Lucia Bochio, por sua orientação e encorajamento. Ela é uma grande fonte de inspiração, me incentivando a explorar questões profundas dentro de mim mesma, as quais foram imprescindíveis para a conclusão deste trabalho. Agradeço o espaço de escuta e a troca sobre questões importantes das quais fico feliz em ter aprendido mais.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Artes Visuais - Bacharelado, do Instituto de Artes da universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, apresenta uma pesquisa acerca da trajetória artística e processo criativo da graduanda Evelyn Holz, assim como as questões latentes destes e como se desdobraram ao longo deste percurso. A pesquisa visa esmiuçar estes trabalhos organizados em três capítulos: Florescer, que trata principalmente das questões de representação de transtornos mentais. Busto, que perpassa as questões de artes feministas. E Aparecida que aborda a criação de uma personagem em formato de vulva, dando continuidade às temáticas feministas. Investigando suas questões estéticas e conceituais e como estas se articulam, buscando assim, compreender melhor o papel de artista da autora e como essas questões se relacionam com ela e com a sociedade. Para enriquecer a pesquisa, são utilizadas como fortes referências Heloísa Buarque de Holanda (2018) e Hélène Cixous (2022).

Palavras-chave: feminismo, processo criativo, auto representação, arte feminista.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Florescer: em desenvolvimento.....	12
Figura 2 – Florescer: em desenvolvimento 2.....	12
Figura 3 – Florescer.....	14
Figura 4 – Florescer 2.....	15
Figura 5 – Escorpião Amarelo.....	16
Figura 6 – Escultura do Escorpião Amarelo.....	17
Figura 7 – Cabeças Utilitárias.....	19
Figura 8 – Escultura Florescer.....	20
Figura 9 – The Reparation: Spiral Woman.....	21
Figura 10 – The Reparation: Spiral Woman Bronze.....	22
Figura 11 – Louise Bourgeois Self-Portrait.....	23
Figura 12 – Conjunto de cerâmicas.....	26
Figura 13 – Conjunto de cerâmicas 2.....	28
Figura 14 – Conjunto de cerâmicas 3.....	29
Figura 15 – Conjunto de cerâmicas 4.....	29
Figura 16 – Conjunto de cerâmicas 5.....	30
Figura 17 – Conjunto de cerâmicas 6.....	30
Figura 18 – Conjunto de cerâmicas 7.....	31
Figura 19 – Conjunto de cerâmicas 8.....	32
Figura 20 – Conjunto de cerâmicas 9.....	32
Figura 21 – VENDO TETAS.....	33
Figura 22 – Mulheres Recipientes.....	35
Figura 23 – Cryptodick - aladdin edition.....	38
Figura 24 – Esboço da primeira versão de CRIPTÓRIS.....	39
Figura 25 – Esboço da primeira versão de CRIPTÓRIS com rosto.....	40
Figura 26 – Spalt-me.....	41
Figura 27 – Esboço com aquarela.....	43

Figura 28 – Nascimento.....	44
Figura 29 – Aparecida andando de Skate.....	45
Figura 30 – Aparecida andando de Skate 2.....	46
Figura 31 – Aparecida relaxando após um dia exaustivo.....	46
Figura 32 – Aparecida trabalhando em home office.....	49
Figura 33 – Aparecida andando de bicicleta.....	50
Figura 34 – Aparecida ceramista.....	51
Figura 35 – Aparecida pintando.....	52
Figura 36 – Aparecida lendo.....	53
Figura 37 – Aparecida escrevendo.....	54
Figura 38 – Adesivo.....	55
Figura 39 – Multidão.....	59
Figura 40 – Banco.....	60
Figura 41 – Ônibus.....	69
Figura 42 – Clitorocity.....	61
Figura 43 – The Vulva Gallery.....	63
Figura 44 – Medusa de Aparecida.....	65
Figura 45 – Pulp Fiction de Aparecida.....	66
Figura 46 – Kill Bill de Aparecida.....	67
Figura 47 – Que horas ela volta? de Aparecida.....	67
Figura 48 – Beleza americana de Aparecida.....	69
Figura 49 – Quanto mais quente melhor de Aparecida.....	70
Figura 50 – Aparecida andando de Skate 3.....	71
Figura 51 – Aparecida andando de Skate 4.....	72
Figura 52 – Aparecida andando de Skate 5.....	73
Figura 53 – Aparecida se maquiando.....	74
Figura 54 – Pausa para o café.....	74
Figura 55 – QR Code com direcionamento para página de ilustrações digitais.....	75

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. FLORESCER.....	10
3. BUSTO.....	24
4. APARECIDA.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	76

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do período de graduação em Artes Visuais na UFRGS, a busca por autoconhecimento motivou meu interesse em diferentes linguagens artísticas. Interesses que foram imprescindíveis para a descoberta da minha identidade como artista, e também para a construção desta pesquisa. A investigação do meu fazer artístico e destas diferentes linguagens me auxiliaram a expressar sentimentos enrustidos em mim, de uma forma que eu pudesse trabalhá-los e os entender mais profundamente.

Ainda estava em processo de desenvolvimento do projeto de cerâmica quando o acesso aos ateliês da Universidade foi interrompido, em função da Pandemia do Covid-19, em 2020. O desencadeamento de uma crise sanitária em escala global, resultou em mudanças nos regimes de trabalho e no Ensino Remoto Emergencial - ERE, na UFRGS. A mudança repentina prejudicou o desenvolvimento de algumas atividades práticas, pois o uso dos equipamentos necessários para a confecção de trabalhos tornou-se inviável. O interesse pela arte digital se intensificou, a partir daí, ensejada pelas circunstâncias e, sobretudo, motivada pela possibilidade de experimentação e aperfeiçoamento da técnica. Foi o início de uma nova perspectiva de trabalho autoral, amenizando as circunstâncias difíceis do período, frente à diminuição de recursos disponíveis. A partir dessa nova perspectiva, aliada à descoberta da possibilidade de multiplicar e redimensionar minhas criações de forma ilimitada, que dei o pontapé inicial desta pesquisa.

Partindo destas breves considerações, este trabalho é o resultado de uma pesquisa acerca do meu processo criativo, minha trajetória acadêmica e um melhor entendimento do meu papel como artista. Para me aprofundar em minha pesquisa, senti a necessidade de retomar trabalhos que eu já havia feito durante o curso. Assim, teria mais material para entender se meu processo repetia padrões e semelhanças em minha abordagem criativa. Para isso, separei este trabalho em três capítulos.

O primeiro capítulo intitulado "Florescer" é dedicado ao meu processo criativo em xilogravura e seu desenvolvimento para a cerâmica. Neste capítulo, eu exploro a representação de meus transtornos mentais através da imagem central de uma cabeça e outras imagens que a circulam.

No capítulo "Busto", eu explorei a arte da cerâmica, na qual encontrei uma nova forma de conversar com o público. Além disso, o capítulo me levou a descobrir minha

identidade como artista feminista, influenciada pela tese de Alice Porto (2021), que reflete sobre a relação entre a militância feminista e a produção de arte, incluindo o uso de humor como impulso criativo em minhas obras.

No terceiro capítulo, intitulado "APARECIDA", utilizei a arte digital. Neste capítulo, abordo a criação de uma personagem que realiza atividades cotidianas e representa como me sinto no mundo. Para isso, trago como temas a arte feminista, opressões para com os sujeitos do feminismo, o uso da sátira na arte feminista e a importância do diálogo e do reconhecimento do lugar de fala.

Os livros *Explosao Feminista* (2018) de Heloísa Buarque de Hollanda e *O Riso da Medusa* (2022) de Hélène Cixous foram grandes aliados para minha pesquisa, além de importantes fontes de aprendizado. A tese de doutorado de Alice Porto, *Dito, Não Dito e Maldito* (2021) foi outro valioso aliado, me trazendo a sensação de amparo e uma nova visão da arte.

2. FLORESCER

Eu, como artista, Evelyn, tenho medo de me abrir. Tenho medo de falar, de expor os meus sentimentos e, ao mesmo tempo, acredito que a conversa e a exposição seria uma forma muito eficaz de lidar com traumas e feridas desenvolvidos ao longo da minha trajetória, de trazer para luz ao que está na sombra de mim mesma. É dentro dessa necessidade de abrandar e entender conflitos, que procuro espelhar em meus trabalhos questões que engatilham guerras devastadoras, pois é onde consigo me expressar e me deixar transbordar e com isso trazer questões que não são apenas minhas, mas de um coletivo maior.

Conforme ia produzindo trabalhos durante meu percurso no curso de Artes, iniciei uma investigação direcionando meu olhar para partes do corpo humano. Ao reunir alguns dos meus trabalhos produzidos durante a graduação, trabalhos dos quais são imprescindíveis para a compreensão do meu fazer artístico, percebi questões que me inquietavam, trazendo assuntos nos quais corpo e mente se encontram, refletindo sobre conflitos interiores e uma busca por identificação e retratação. Estas questões serviram como um ponto de partida para minha produção. Para entender melhor sobre minha produção atual, senti a necessidade de comparar os caminhos que segui durante esses anos passados, ou seja, minha investigação é posterior ao início dos meus trabalhos.

Não possuo muitos registros dos trabalhos anteriores, principalmente dos dois anos iniciais da graduação, porém, tenho grande convicção que a representação da cabeça foi um despertar para uma nova exploração acerca de mim mesma e meus processos. Partindo da frase de Richard Sennet, que diz “fazer é pensar” e que “[...] as pessoas podem aprender sobre si mesmas através das coisas que fazem [...]” (SENNET, 2009 p.18), vejo no meu processo criativo a necessidade de abordar assuntos que estão presentes no meu cotidiano e nos meus pensamentos.

Em 2019, desenvolvi o projeto *Florescer* (FIG. 03 e FIG. 04), utilizando a técnica de xilogravura e que apresenta como ponto central o formato de um rosto. Em todos os trabalhos, o rosto é marcado por expressões calmas e passivas, sempre com os olhos fechados. Desfocando a visão do centro da folha, percebemos a presença de pássaros e flores em sua testa e/ou ao redor da cabeça, convidando o/a apreciador/a à reflexões acerca de seus próprios tormentos mentais. Utilizei-me desses elementos para representar os pensamentos que me acompanham, circundando por volta da cabeça.

A FIG. 03 foi a primeira a ser realizada, nela utilizei uma placa de MDF de 70 x 70 cm, comecei desenhando o rosto e fui adicionando os objetos em sua volta. Recordo de me interessar muito por utilizar a presença de flores que acompanhavam esta imagem da cabeça, pois estas eram cheias de detalhes que me cobravam muita atenção e paciência. Conforme desenhava as flores, sentia que estas não seriam o suficiente para completar o trabalho. Queria que o trabalho convidasse o/a espectador/a a olhar de perto, procurar em meio às flores o que mais havia ali, o que este trabalho escondia em meio a tantos traços.

A ansiedade para terminar uma placa de madeira tinha que ser contida e o foco teria que ser voltado para a manualidade do processo. Em todas as xilogravuras que foram criadas, não houve um desenho prévio pronto para ser transferido diretamente para a placa de madeira ou linóleo. Em vez disso, o processo criativo começou com um desenho inicial, como uma cabeça ou uma flor, e a partir daí foram adicionados mais elementos e detalhes até que a obra fosse considerada completa. Esse método me permitiu uma maior flexibilidade e espontaneidade no processo de criação, possibilitando ajustar e refinar a obra de acordo com minha visão e intuição. No entanto, também pode exigir mais tempo e paciência para alcançar o resultado final desejado.

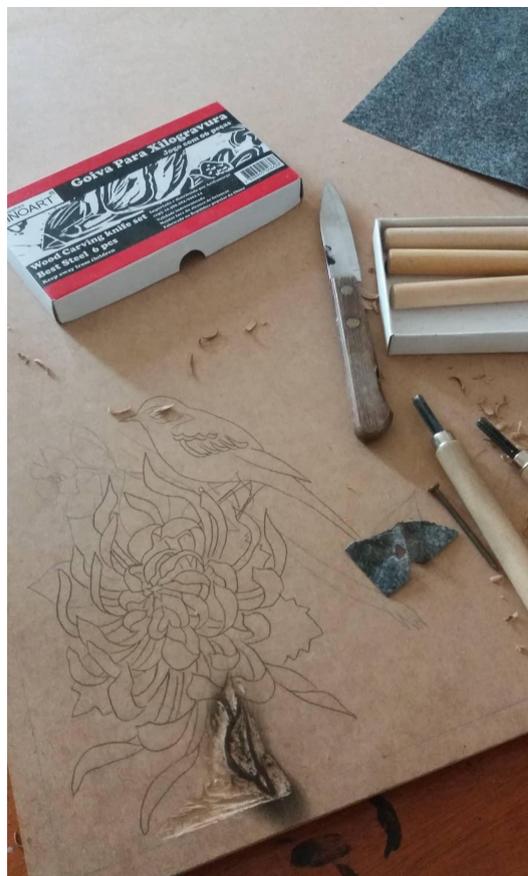


FIG.01 - *Florescer*: em desenvolvimento, 2018. Xilogravuras, 70 x 70cm Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal



FIG.02 - *Florescer*: em desenvolvimento, 2018. Xilogravuras, 70cmx70cm. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal

A xilogravura em si é um processo artesanal que exige muita paciência e habilidade manual e principalmente muita atenção na etapa em que se esculpe a madeira, pois qualquer erro pode danificar a imagem ou a placa de madeira, exigindo que o/a artista comece novamente ou venha a adaptar o “erro”. Além disso, as ferramentas utilizadas, como as goivas, são afiadas podendo levar a acidentes, como cortes.

Já havia tido um breve contato com a xilogravura no início do curso, mas foi ao longo do tempo que meu interesse por essa técnica cresceu. Embora trabalhar em uma placa grande tenha sido um desafio significativo, acredito que foi precisamente a necessidade de atenção minuciosa e a incerteza em relação ao resultado final - devido à minha escolha de processo - que me ajudaram a encontrar um refúgio para minha ansiedade.

Enquanto trabalhava na criação da FIG.03, observei que meu inconsciente me levava a acrescentar elementos altamente detalhados. Esses detalhes me proporcionaram prazer e era como se meu corpo desejasse passar horas trabalhando na madeira, sem pensar em mais nada. Apesar disso, eu não me pressionava tanto para alcançar a “perfeição”. Enquanto minha mão mantinha firmeza ao manusear a goiva, ela também se soltava para adicionar detalhes aos elementos.



FIG.03 - *Florescer*, 2018. Xilogravura. 70 x 70 cm. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal

Flávia Leme de Almeida (2010) fala sobre a ligação do inconsciente com o processo criativo.

Assim, quando nos concentramos em realizar ações ligadas ao nosso poder criativo, ao nosso lado direito do cérebro, somos capazes de deixar fluir elementos e imagens que há muito tempo estavam armazenadas em nosso inconsciente, ou seja, tudo o que faz parte de nosso vocabulário imagético [...] (ALMEIDA, 2010, p.117).

Na FIG. 04, decidi reduzir a quantidade de informações na imagem. Utilizei duas matrizes, uma para a cabeça com as flores e outra para o pássaro. A evidência para o pássaro é importante, pois é ele que representa meus transtornos.

Para explicar melhor, as flores representam o crescimento, aprendizado, autoconhecimento, e assim por diante. Cada evento da vida nos ensina algo novo sobre nós mesmos. Aprendemos a compreender nossos desejos, a respeitar a nós mesmos e a saber quando pedir ajuda. Por outro lado, o pássaro é um ser delicado ao lado da cabeça,

mas pode causar ferimentos devastadores. No entanto, acredito que sua beleza esteja na capacidade de ser um ser móvel, podendo permanecer ali por um longo tempo ou voar livremente. Podemos deixá-lo partir, ele pode retornar a qualquer momento, mas é através dele que também evoluímos.



FIG.04 - *Florescer 2*, 2018. Xilogravura. 59,4 x 42cm. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal

Ainda durante minha jornada na Xilogravura, os rostos, que antes mesmo rodeados de flores, pássaros e insetos não passavam do pescoço, começaram a experimentar uma nova configuração. Atribuí ao rosto um corpo, porém, não era um corpo humano. Como em meus outros trabalhos, senti a necessidade de adicionar um elemento que remetesse a algum animal. Para entender melhor essa criação, vou explicar o contexto em que foi

realizada. O ano era 2018, período de eleições presidenciais, a maioria das pessoas com quem conversava estava preocupada, ocupando as ruas em passeatas. O Instituto de Artes, localizado no centro da cidade de Porto Alegre, era um pequeno refúgio após andar pelas ruas do entorno. Junto com todo o caos que dominava os pensamentos da população, uma infestação de escorpiões amarelos dominavam o centro da cidade e, por consequência, meu amado refúgio. Recordo-me da paz que era estar no laboratório de xilogravura em que o professor Hélio Fervenza levava um pequeno alto falante para reproduzirmos músicas. Agora a paz das aulas era perturbada por pequenos escorpiões amarelos que se escondiam nos mais diversos cantos do prédio. Logo, resolvi dar a minha cabecinha com feições calmas o corpo desse novo morador do IA.

O escorpião amarelo (*tityus serrulatus*) é altamente venenoso, apesar de seu tamanho, uma de suas espécies possui a capacidade de se reproduzir sem a necessidade de fecundação, portanto, ele é capaz de iniciar uma colônia inteira a partir de uma única espécime. Todos esses acontecimentos me levaram a uma investigação, na qual juntei o rosto que já vinha trabalhando com o corpo de um escorpião amarelo.



FIG. 05 - *Escorpião Amarelo*, 2018. Dimensões variáveis. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal

A princípio, ao olharmos para o rosto dele, com uma aparência tranquila, pode ser que deixemos passar despercebido o grande ferrão que ele carrega. Optei por um tamanho pequeno do carimbo, próximo ao tamanho original do escorpião. A presença de uma música calma e animada, e o fato de estar trabalhando em um ateliê, onde é possível observar outras pessoas criando suas obras com concentração, fazia com que a ideia de refúgio fosse mais presente do que os eventos ao meu redor. Desenhei o modelo na placa de MDF para evitar erros, especialmente nas patas finas, nas quais qualquer deslize da goiva poderia ser fatal. Senti como meu escorpião representava perfeitamente o perigo que estávamos vivendo, onde estava cheio de “pessoas de bem” tentando ganhar uma eleição

Posteriormente, comecei a estudar a técnica de cerâmica. Durante a transição de técnicas, estava saindo da madeira para trabalhar com o barro, resolvi reproduzir alguns trabalhos já produzidos na xilo para uma configuração 3D (FIG. 06). O escorpião foi a primeira peça que fiz nessa nova técnica.



FIG.06 - Escultura do Escorpião Amarelo, *sem título*, 2019. 17 x 15 x 10 cm. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal

Para criar meu escorpião, comecei moldando todas as peças separadamente e

queimando-as individualmente. Em seguida, utilizei cordão e arame para unir as partes e finalizei com tinta acrílica dourada. Embora o corpo estivesse completo, senti que ainda faltava explorar mais a cabeça do escorpião. Como uma forma de lidar com minhas inquietações internas, decidi desmontar o escorpião e utilizar a cabeça para fazer moldes de gesso.

A partir desses moldes, produzi incríveis 230 cabecinhas com argilas recicladas do tanque presente na sala de cerâmica do IA ou que já tinha em casa. Cada uma delas foi feita com um furo que percorria o comprimento da cabeça, permitindo que fossem penduradas em algum lugar. Embora tenha começado esse projeto sem uma pretensão específica, fui atraída pela ideia de multiplicação e como isso poderia ser explorado artisticamente.

Ao explorar a multiplicação das cabeças do escorpião, eu estava criando minha própria interpretação dessa abordagem artística. Além disso, essa abordagem permitiu que eu lidasse com questões relacionadas à minha mente e ansiedade, enquanto criava algo de beleza e significado.

Completar uma coleção de cabecinhas foi apenas o primeiro passo. A distribuição dessas pequenas esculturas tornou-se uma maneira de compartilhar meu trabalho com os outros. Mas também foi uma oportunidade para explorar minhas próprias inseguranças e conectar-se com as pessoas que recebiam minhas obras.

Durante a distribuição, exibia uma seleção de cabecinhas, geralmente entre dez e quinze peças, e pedia para as pessoas selecionassem aquela com a qual mais se identificava. Mesmo que todas as peças tivessem sido produzidas usando moldes, cada pessoa que escolhia uma cabecinha passava um tempo examinando e comparando as diferenças sutis entre cada uma delas.

Este processo de escolha me permitia criar uma conexão significativa com as pessoas que recebiam essas peças. Era uma oportunidade para que o/a receptor/a e eu pudéssemos nos conhecer melhor, compartilhando seus pensamentos e emoções, e criar uma zona de conforto para falar e ouvir. Além disso, a escolha cuidadosa de cada cabecinha permitiu que cada pessoa criasse uma conexão pessoal única com a obra, tornando-a ainda mais significativa.

A experiência de criar essas obras de arte me instigou a explorar ainda mais a ideia de cabeças maiores, com cerca de 12 cm de altura e 10 cm de largura. Essas cabeças funcionavam como utilitários, com o topo aberto como um pequeno pote. No entanto, elas eram de certa forma inúteis, pois já estavam cheias. Ao olhar no topo dessas cabeças de

cerâmica, as pessoas podiam ver palavras como insegurança, ansiedade, depressão, felicidade, e novamente eram convidadas a escolher aquilo com que se identificavam. Isso deixava suas cabeças cheias de significado e personalidade.

Na série de obras que criei, eu incluí uma cabeça grande (FIG. 08) inspirada no trabalho "Florescer" mencionado anteriormente. Uma espécie de escultura tridimensional trazendo uma nova forma de ver trabalhos feitos anteriormente.



FIG. 07 - Cabeças Utilitárias, *sem título*, 2019. Dimensões variadas. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal



FIG. 08 - Escultura *Florescer*, 2019. 47 x 31 cm. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal

Na mitologia grega, a cabeça é frequentemente associada à inteligência e ao pensamento. De acordo com o livro *The Complete World of Greek Mythology* (2004) de Richard Buxton, a cabeça era vista como o local da vida e da consciência, da percepção e do pensamento. Atena, a deusa grega da sabedoria, nasceu da cabeça de seu pai, Zeus. Além disso, a cabeça de Medusa, uma criatura com cabelos de serpente que transformava os homens em pedra, foi usada por Perseu como arma contra seus inimigos. Essa visão da cabeça como o centro da consciência pode ser vista como uma conexão com o uso da cabeça na arte contemporânea para simbolizar transtornos mentais. Louise Bourgeois (1998), explora seus transtornos mentais em seus trabalhos artísticos falando principalmente de seu sofrimento pessoal, o qual tem raízes em sua identidade e experiências de vida. Ao se tornar o tema de suas obras, ela encontrou uma maneira de lidar com possíveis traumas e experiências da infância. A intenção da artista não é criar imagens ou ideias, mas sim reviver emoções passadas e confrontá-las fisicamente através de suas esculturas. Isso lhe permitiu compreender melhor seu passado e vê-lo de forma mais objetiva e realista. Ela descreve sua arte como um tipo de exorcismo, em que ela é

capaz de expressar coisas que antes não conseguia compreender.

Para Bourgeois, o processo criativo envolve preparação e escavação, com o objetivo de trazer à tona algo que estava adormecido e sem vida. Assim como em um desenho preparatório, ela utiliza a escultura para extrair emoções e sensações que precisam ser expressas. O corpo escultórico é onde ela encontra a expressão desejada, mesmo que algumas peças possam refletir a violência que ela mesma carrega dentro de si. Bourgeois molda a peça até chegar ao seu interior, da mesma forma que se aproxima de uma emoção que deseja dar forma.

Na minha escultura, eu não procuro uma imagem, não procuro uma ideia. O meu objectivo é reviver uma emoção passada. [...]. A minha escultura permite-me repetir a experiência do medo, dar-lhe um carácter físico, para que eu seja capaz de cortá-lo. Estou a dizer hoje na minha escultura o que não fui capaz de fazer no passado. Permite-me repetir a experiência do passado, ver o passado nas suas proporções objetivas e realistas. O medo é um estado passivo, e o objectivo é ser activo e assumir o controlo, estar vivo aqui e agora. O movimento é do passivo para o ativo, porque, se o passado não for negado no presente, não se vive. Uma vez que os medos do passado estão ligados às funções do corpo, eles reaparecem através do corpo. Para mim, a escultura é o corpo. O meu corpo é a minha escultura (BURGEOIS, 1998, p. 357).



FIG. 09 - Louise Bourgeois, *The Reparation: Spiral Woman*, 2001. Ponta seca, com tinta vermelha, lápis e adições de guache no papel 39.5 x 28 cm. Fonte:

<https://www.moma.org/s/lb/collection_lb/compositions/compositions_id-1054_sov.html> Último acesso em: 14 de março de 2023.



FIG. 10 - Louise Bourgeois, *The Reparation: Spiral Woman* Bronze, 2001. 35.6 x 11.4 x 14 cm. Fonte: https://www.moma.org/s/lb/collection_lb/compositions/compositions_id-1054_sov.html Último acesso em: 14 de março de 2023.

Embora meu processo de criação seja diferente, uma vez que minhas xilogravuras não foram originalmente concebidas para se tornarem esculturas, como para Bourgeois, elas também acabam ganhando vida fora do papel. Bourgeois me instiga a reflexão sobre a diferença na habilidade exigida por cada material, inspirando uma emoção a cada trabalho, tendo conexão, também, com o resultado que sairá ao finalizar a peça. Ao trabalhar com xilogravura, sinto a necessidade de ter uma atenção maior, uma vez que posso me cortar e a madeira não pode ser reconstruída, o que exige que eu integre qualquer erro à obra ou comece novamente com uma nova placa. Já ao moldar a argila, meus movimentos são mais livres, pois posso alterar a peça a qualquer momento, incluindo ou retirando a argila antes de ela se tornar uma obra final em cerâmica.

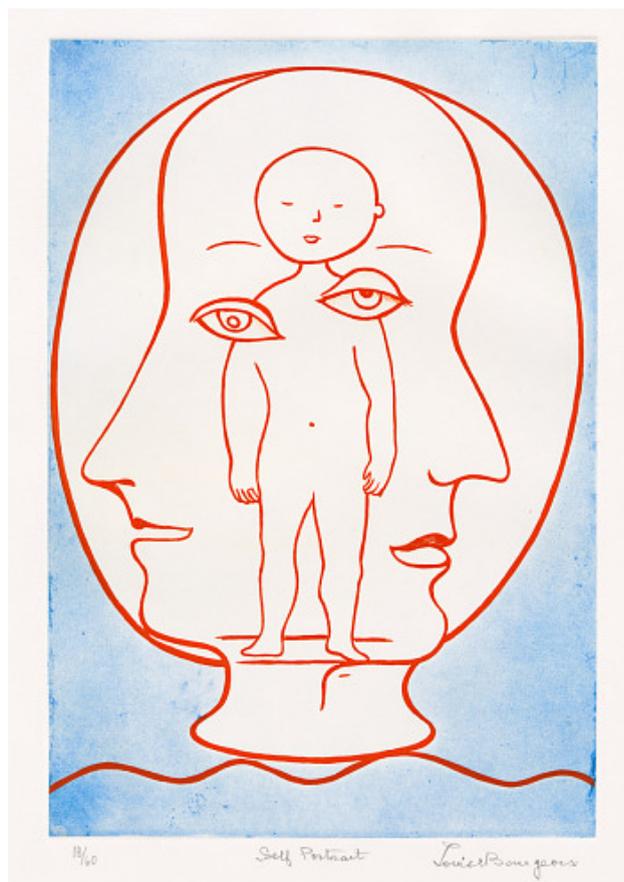


FIG. 11 - Louise Bourgeois, *Self-Portrait*, 1994. Ponta seca e gravura em papel macio. 68,5 x 48,9 cm. Fonte: <https://npg.si.edu/object/npg_NPG.2002.215>. Último acesso em 14 de março de 2023.

Assim como Bourgeois, eu utilizo o processo artístico como uma forma de lidar com traumas e conflitos pessoais. Bourgeois utiliza a escultura para extrair emoções e sensações que precisam ser expressadas, por vezes vindas de sua infância, mas também a partir de temas como a maternidade. Utilizando a arte para refletir sobre conflitos interiores em uma busca por identificação e retratação, encontramos na arte uma forma de lidar com nossas angústias e transformar suas experiências em arte. A arte também permite uma troca com o público, que podem ser tocados ao sentirem semelhança, conexão e representatividade em certas obras.

A FIG. 11 é uma obra de arte que me provoca a reflexão sobre diversos temas, incluindo a infância, o pensamento e o amadurecimento. A forma da obra, que me remete a uma cabeça com dois rostos dentro, me sugere a possibilidade de pensar sobre o que está acontecendo dentro da própria mente. Essa imagem é muito poderosa, pois me faz lembrar que muitas vezes não entendo exatamente o que está acontecendo dentro de mim mesma.

Essa ideia de amadurecimento é algo que se reflete também nos trabalhos do conjunto *Florescer*. Tanto a cabeça da obra de Bourgeois quanto os trabalhos do conjunto *Florescer* compartilham uma característica interessante: ambos estão cheios de informação. Isso significa que há muitas coisas acontecendo dentro dessas cabeças, e que há muitas ideias e sentimentos sendo expressados de maneira visual.

Minhas esculturas, me remetem a utilitários, nos quais enchi de palavras escritas na própria cerâmica ou plantas, como na cabeça grande (FIG. 08). A obra de Bourgeois me provoca o mesmo sentimento, na qual me remete a imagem de um aquário trazendo a ideia de que estamos sempre em nossa cabeça, observando o mundo exterior de dentro de uma caixa. Essa imagem me faz refletir sobre como vejo e tento lidar com o mundo ao meu redor.

3. BUSTO

Interessei-me logo pelos utilitários. Cativou-me a ideia de moldar minha própria xícara e me despertou a sensação de liberdade. Refletindo sobre isso, passei para outra parte do corpo, o busto feminino e em como me sinto reprimida em relação a esta parte do corpo. Foi então que comecei a moldar diferentes tamanhos e cores de utilitários com variados formatos de seios e, posteriormente, para incluir mulheres trans, o projeto foi alterado para reproduzir o torço por inteiro. Novamente fiz o uso de um molde, porém, apenas para a base da xícara, os seios eu fiz manualmente, um por um.

O busto, posicionado logo abaixo da cabeça, foi a segunda parte a qual aprofundei meu interesse e pesquisa. Se antes a abrangência dos trabalhos englobava pessoas em uma forma geral, sem um viés específico, nesta etapa, questões relacionadas aos feminismos adquirem certa evidência. Compreendo que há diversas maneiras de expressar a feminilidade na atualidade e é crucial evitar perpetuar padrões obsoletos e violentos. Meu objetivo é refletir, questionar e entender como meu trabalho pode contribuir nesse contexto. Para isso, farei uso da palavra "feminino" problematizando-a e para questionar a conotação negativa frequentemente associada às mulheres, sem tentar projetar um padrão social idealizado.

Comecei este projeto com o intuito de retratar meu próprio busto. Para isso, observei minha imagem no espelho enquanto moldava a argila e pedi a uma amiga que tirasse fotos minhas de ângulos variados. Escolhi uma argila que fosse semelhante ao tom da minha pele e utilizei um molde para criar a base, moldando manualmente os seios. Adicionei uma tampa ao objeto utilitário e fiz apenas uma queima no forno.



FIG. 12 - Conjunto de cerâmicas, *sem título*, 2019. Dimensões variáveis. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal

Depois que concluí minha primeira peça, passei a produzir novos utilitários em diferentes tamanhos. À medida que eu postava fotos deles em minha rede social, algumas mulheres começaram a pedir utilitários personalizados com seus próprios bustos. Isso me levou a experimentar com diferentes tipos de argila e tamanhos de utilitários. Para alguns, utilizei moldes de gesso de diferentes tamanhos, mas sempre deixando os seios para serem moldados separadamente e manualmente. Para outros, comecei a moldar tudo manualmente.

Para quem já foi agraciado por ter contato com a argila, entenderá a paciência e concentração que esse material exige. A manualidade do processo é capaz de gerar uma

conexão entre o criador e a peça, em que é possível se desligar do mundo exterior e voltar o pensamento para as etapas de sua criação, seja enquanto molda e constrói sua peça ainda em argila ou posteriormente enquanto espera a surpresa que sairá do forno. No entanto, percebi que, enquanto criava novas peças para esta coleção, minha procura por aceitação e amparo estava justamente na conexão com outras mulheres, que podiam entender minhas frustrações e minhas buscas por determinados estereótipos.

No livro *O riso da medusa* (2022), Hélène Cixous fala sobre a importância na união das mulheres na busca por suas vozes, defendendo que as mulheres devem abraçar suas diferenças e suas especificidades, ao invés de tentar se encaixar nos moldes masculinos de comportamento e pensamento. Nas palavras dela:

Na mulher se cruzam a história de todas as mulheres [...]. Enquanto combatente, é com todas as libertações que a mulher forma um só corpo. Ela prevê que [...] a libertação levará a uma mudança das relações humanas, do pensamento, de todas as práticas; não se trata somente da luta de classes, que ela insere, de fato, num movimento mais vasto. Não é que pelo fato de ser uma mulher-em-luta(s), seja preciso abandonar a luta de classes ou negá-la; mas é preciso ampliá-la (CIXOUS, 2022, p. 56)

Já Vilma Piedade (2018) introduz a palavra Dororidade a partir do termo Sororidade¹, questionando a concepção fixa do termo criada pelo feminismo teórico branco e europeu. Ela sustenta que a palavra dororidade é um conceito que complementa a sororidade, mas refere-se especificamente à dor vivenciada pelas mulheres pretas em decorrência do racismo. Mesmo a sororidade sendo um termo importante para o feminismo, não é suficiente para abordar as experiências específicas das mulheres pretas em relação à opressão e à violência.

Ambas as autoras tratam da importância da união e da luta coletiva das mulheres, porém cada uma aborda de uma maneira diferente, deixando um convite para uma reflexão interseccional sobre as múltiplas opressões que as mulheres enfrentam. A partir desta reflexão e pela contemplação da diversidade dos corpos femininos, surgiu em mim o impulso de criar peças de argila que representassem diferentes formas, cores e texturas. À medida que eu trabalhava com a argila, percebia que ela ganhava vida ao se moldar de acordo com as características das mulheres que inspiraram a criação.

Essa variedade de corpos se tornou uma maneira de evidenciar a diversidade e

¹Segundo a academia Brasileira de Letras significa Sentimento de irmandade, empatia, solidariedade e união entre as mulheres, por compartilharem uma identidade de gênero; conduta ou atitude que reflete este sentimento, especialmente em oposição a todas as formas de exclusão, opressão e violência contra as mulheres. [Do latim *soror*, 'irmã' + -(i)dade.] Fonte: <[https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade#:~:text=s.f.,%2B%20-\(i\)dade.%5D](https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade#:~:text=s.f.,%2B%20-(i)dade.%5D)>

questionar a ideia de um padrão estético único e homogêneo. Por meio da arte, eu buscava oferecer às pessoas a possibilidade de se enxergarem representadas nas minhas peças, encontrando nelas referências visuais de si mesmas.

Ao receber encomendas de mulheres, pedia que elas enviassem referências de seus próprios corpos, como fotos de seus seios, para que eu pudesse capturar as particularidades e singularidades de cada uma. Fiquei admirada com a confiança que elas depositavam em mim, sabendo que meu olhar artístico era capaz de capturar a essência de seus corpos sem objetificá-los.



FIG. 13 - Conjunto de cerâmicas 2, *sem título*, 2019. Dimensões variáveis. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal



FIG. 14 - Conjunto de cerâmicas 3, *sem título*, 2019. Dimensões variáveis. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal



FIG. 15 - Conjunto de cerâmicas 4, *sem título*, 2019. Dimensões variáveis. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal



FIG. 16 - Conjunto de cerâmicas 5, *sem título*, 2019. Dimensões variáveis. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal



FIG. 17 - Conjunto de cerâmicas 6, *sem título*, 2019. Dimensões variáveis. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal



FIG. 18 - Conjunto de cerâmicas 7, *sem título*, 2019. Dimensões variáveis. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal



FIG. 19 - Conjunto de cerâmicas 8, *sem título*, 2019. Dimensões variáveis. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal



FIG. 20 - Conjunto de cerâmicas 9, *sem título*, 2019. Dimensões variáveis. Fotos: Evy Holz. Arquivo Pessoal

A obra *VENDO TETAS* (2018) da artista Sol Casal busca provocar uma reflexão sobre a representação do corpo feminino, levantando questões sobre a relação entre a observação e a comercialização, a hipersexualização e a opressão do corpo feminino. Com um título provocativo, utilizando a palavra "TETAS" para simbolizar a objetificação e sexualização das mulheres, a obra utiliza técnicas de tricô e bordado para criar tensão no/a espectador/a e desafiar a posição da mulher na sociedade.

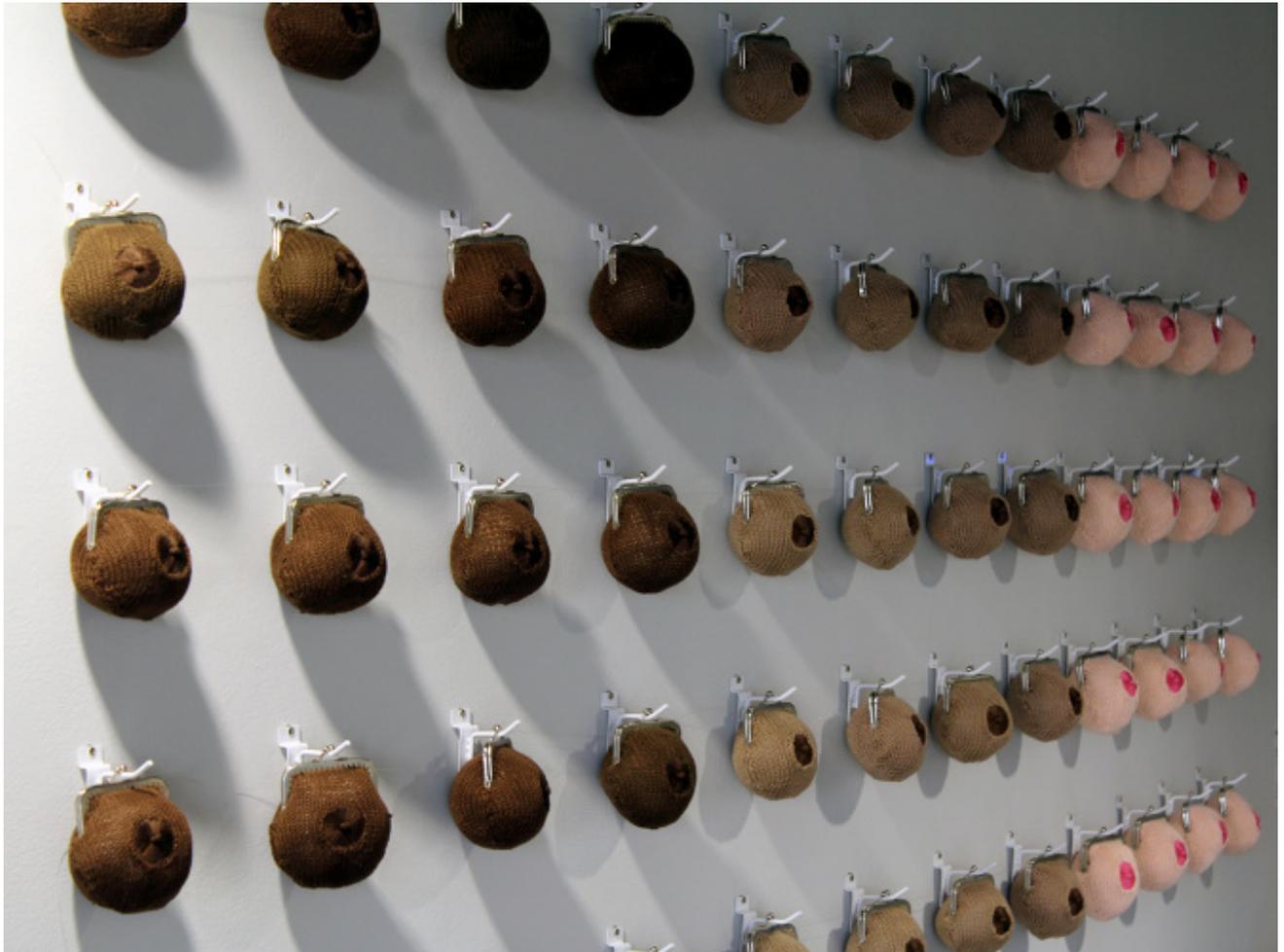


FIG. 21 - Sol Casal, *VENDO TETAS*, 2018. Instalação 300 x 125 m. Fonte: <<https://www.solcasal.com/VENDO-TETAS>>. Último acesso em 8 de março de 2023.

Da mesma forma, a minha conexão com outras mulheres por meio da arte me permitiu explorar questões relacionadas aos feminismos e seus sujeitos. Em *Testo Junkie* (2018), Preciado fala que o agente do feminismo é caracterizado por sua natureza inevitavelmente excêntrica, que não se alinha com a noção tradicional de "as mulheres". Em vez disso, o feminismo é visto como uma força de deslocamento que busca transformar

a subjetividade, uma prática que desafia as normas sociais dominantes (PRECIADO, 2018, p. 118).

Considero essa afirmação muito importante, uma vez que essa excentricidade se refere à sua não conformidade com as expectativas sociais convencionais associadas às mulheres. Neste caso, o sujeito feminista é entendido como uma prática de deslocamento, buscando contestar normas e lutar contra opressões. A ideia de que o movimento feminista não pode ser definido ou limitado a uma única identidade ou perspectiva cria um espaço de liberdade e inclusão, no qual diferentes vozes podem se unir lutando por uma sociedade mais igualitária.

Ao retratar (transformar) o busto feminino em um utilitário, reflito sobre a objetificação deste corpo, mas ao mesmo tempo me afasto de um padrão único de representação dos seios, já que isso poderia reforçar estereótipos prejudiciais.

Segundo Marzano-Parisoli (2004), quando alguém é objetificado/a, essa pessoa é reduzida a um objeto, tornando-se um simples corpo sem autonomia ou intencionalidade e intercambiável. Isso implica em uma instrumentalização do objeto, na qual a pessoa assim objetivada não pode ser nada além de um instrumento e um meio, tornando-se um corpo sem voz. Isso nos transforma em seres sem possibilidade de opinião, tornando o corpo em uma mercadoria, vulnerável à comercialização, toque desrespeitoso e invasão.

Flávia Leme de Almeida apresenta uma nova abordagem para utilitários, transformando-os em peças de arte. Em *Mulheres recipientes* (2010), as esculturas simbolizam todas as mulheres como uma única entidade, representando o corpo feminino como um recipiente que contém vida, líquidos, sangue, dores, sentimentos e sensações. As formas das esculturas lembram bacias, panelas e outros recipientes associados à esfera feminina, como cuidar da família e cozinhar. As esculturas celebram a natureza mutável e moldável da feminilidade e invocam a força da Mãe Terra.



FIG. 22 - Flávia Leme de Almeida, *Mulheres Recipientes*, 2010. Tamanhos variados. Fonte: <<https://www.flavialeme.com/mulheres-recipientes-1f>> Último acesso em 8 de março de 2023.

Almeida (2010) traz à tona uma reflexão relevante sobre a produção artística feminina como um todo, destacando como o feminismo foi um sinal de mudança para uma nova postura social, em que as mulheres assumiram papéis importantes na produção e organização da arte, bem como na educação universitária.

O feminismo pareceu ser o prenúncio de uma nova era, ao menos para uma nova postura social: as mulheres tomaram finalmente as rédeas da situação, tornando-se curadoras, produtoras de arte, organizadoras, diretoras culturais, professoras em universidades etc. Juntamente com essa onda revolucionária dos movimentos libertários, as manifestações sociais das chamadas minorias fizeram os reacionários sentirem a sua voz e engolirem a sua imagem. Surgiram outras formas de expressão artística como arte conceitual performance, onde os posicionamentos e os corpos se investem de ideologia, rejeitando o aspecto mercantil de objetos. (ALMEIDA, 2010, p.68).

Cixous (2022) apresenta uma abordagem sobre a relevância das mulheres na escrita, uma vez que ao longo da história elas foram marginalizadas e impedidas de se expressar, trazendo a necessidade da mulher de se impor e se colocar no mundo. Ela

argumenta sobre como as mulheres foram ensinadas a adotar um anti-narcisismo, o que as levou a se tornarem suas próprias inimigas e a empregarem sua própria força contra si mesmas. "É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem a escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos" (CIXOUS, 2022, p.41).

Na tese de doutorado intitulada *Dito, não dito e maldito: redesenhar imagens feministas a partir de vestígios* (2021), de Alice Porto, a autora reflete sobre como sua militância feminista se relaciona com sua produção de arte. Ela menciona que, em alguns momentos, deixava sua postura política de lado em busca de uma suposta neutralidade ao criar suas obras.

Acredito que optar por não se posicionar já é uma escolha política, e pode significar a concordância com a perpetuação de estruturas sociais injustas e desiguais. Se eu escolho não me identificar como feminista, estou, de certa forma, aceitando a forma como a sociedade estabeleceu a relação entre os gêneros. No entanto, essa relação é frequentemente desigual e opressora para as mulheres, e é por isso que o feminismo é tão importante e necessário. Há muitas correntes de pensamento e teorias feministas, cada uma oferecendo uma perspectiva sobre como alcançar a igualdade de gênero. Essa diversidade é uma demonstração do quão complexa e multifacetada é a luta feminista, e a importância de se posicionar e participar dessa luta. Alice Porto também percebe uma certa resistência em se identificar como artista feminista com uma posição política clara, pois isso pode ser considerado panfletário e prejudicar as oportunidades profissionais do/a artista. Além disso, a autora compartilha um episódio em que declarou ser feminista durante uma discussão em aula e foi surpreendida pela reação espantada dos/as outros/as presentes.

Minha identificação com as questões postas por Alice Porto foi imediata. Encontrei nessa leitura uma certa sensação de alívio, além de uma nova percepção da arte feminista. A autora descreve um deslocamento em sua produção poética, no qual o humor, que antes era deixado para os momentos de lazer e diversão, sendo separado da atividade artística "séria" e profissional, agora é utilizado como impulso criativo em suas obras. Ela ainda comenta que seus trabalhos de cunho humorístico surgiram em espaços menos formais e a possibilitaram ter confiança na possibilidade de conciliar o humor e o trabalho sério, resultado de sua reflexão sobre as teorias feministas e sua atuação em coletivos de mulheres.

Para melhor explicar minha colocação sobre uma sensação de alívio, desejo antes expor minha similar relutância em vincular meus trabalhos às causas feministas. A pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda, no livro *Explosão Feminista* (2018), comenta sobre a relutância de muitas mulheres em se identificar como feministas durante as décadas de 1980 e 1990, e aponta que isso pode ser um sintoma da complexidade em lidar com questões raciais e sexuais, além de ser uma reação ao machismo que ainda perdura na sociedade brasileira.

Entretanto, mesmo o feminismo ganhando cada vez mais força, podemos ver isso pelas passeatas, como a Marcha das Vadias, conforme Gomes (2014), publicações e campanhas em redes sociais, entre outros veículos de comunicação, penso que o feminismo ainda seja acompanhado de um grande tabu. Volto à ideia de Cixous (2022), na qual acredito que a ideia imposta a nós de sermos tão críticas de nós mesmas ainda permanece.

Inicialmente, minha pesquisa estava mais focada para as técnicas utilizadas do que para o resultado final ou o processo criativo, na qual tentava me afastar de assuntos como feminismo. Demorei até aceitar que falar de questões internas seria fundamental e elevaria a importância e compreensão do meu trabalho.

Voltando a falar do “alívio”, me senti abraçada ao ver que eu não era a única a querer separar dois universos que podem sim estar conectados. Declarar que minha arte é feminista ou é atravessada pelas questões feministas começou a ter menos estranheza, pois fui me relacionando com minhas vivências e experiências e me conectando com outras mulheres artistas.

As mulheres que precederam minha geração foram fundamentais para que eu pudesse me manifestar e abordar questões sociais sobre o corpo feminino. Com o passar do tempo, fui aprimorando minha produção e meu pensamento, e isso agora guia a maneira como desenvolvo meus projetos artísticos, sobretudo neste estudo específico.

Infelizmente, a produção dos utilitários teve que ser pausada em função da Pandemia do Covid-19 em 2020, porém, continuei postando o trabalho em redes sociais. Com a nova rotina, na qual sair de casa não era mais possível, em razão da medida protetiva de isolamento social, minha rotina de trabalho foi se adaptando a outros meios. O computador estava cada vez mais presente no meu dia a dia tanto para ter contato com amigos e colegas quanto para quando voltavam às aulas. Comecei a me interessar cada vez mais pela arte digital.

4. APARECIDA

No mês de fevereiro de 2022, durante uma conversa informal com minhas amigas, falávamos sobre o mercado da arte digital e as dificuldades de inserção de trabalhos de artistas iniciantes, principalmente mulheres, naquele universo de grandes cifras, homens e criptomoedas. Na mesma época, eu tinha visto uma série de ilustrações anárquicas intituladas de *Crypto Dicks*² (FIG. 23). Como o próprio nome diz, as imagens faziam referência literal ao órgão sexual masculino, que permanecia sempre estático entre variações de roupas e cenários ao seu redor. Todas as ilustrações foram feitas na técnica de *pixel art*. O nome também fazia alusão a criptomoeda³ e ao mercado de vendas de arte digital.



FIG. 23 - Cryptodick, Aladdin Edition, 2021. Disponível em:

<<https://opensea.io/assets/ethereum/0x495f947276749ce646f68ac8c248420045cb7b5e/53620577646663260226456938131155087370459630186094802628565338598777760514049>>. Último acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

² Disponível em: <<https://crypto-dicks.io>>. Último acesso em 18 de março de 2023.

³É uma moeda digital, ou seja, uma moeda que somente existe no mundo virtual. Para entender melhor, esta moeda é armazenada em uma carteira digital e o proprietário tem a possibilidade de efetuar transações para receber ou enviar valores lastrados nessa moeda. Publicada em 2009 por Satoshi Nakamoto, a primeira criptomoeda criada foi o bitcoin. Hoje já existem diversas criptomoedas e é possível utilizá-las tanto para compras no meio digital quanto em locais físicos que aceitem esta forma de pagamento.

Foi a partir disso, que de forma descontraída e despreziosa eu pensei em criar uma personagem em contraposição às aquelas ilustrações da genitália masculina. Logo comecei a esboçar o desenho de uma personagem, cuja cabeça tinha as formas estilizadas de uma vulva e os traços faciais no lugar onde anatomicamente seria o clitóris. Aquele esboço se transformou numa espécie de contraponto àquele circuito aparentemente impenetrável de artistas homens e bitcoins. Batizamos inicialmente a personagem de CRIPTÓRIS. Este primeiro trabalho foi feito na técnica de pintura digital, utilizando a plataforma Adobe Photoshop. Essa plataforma me permitiu experimentar pincéis, me remetendo a uma pintura em papel, quase como aquarela.

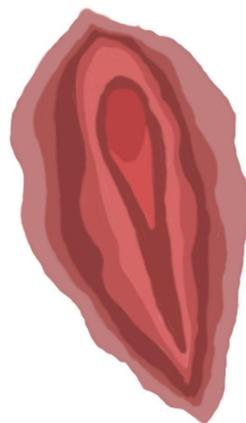


FIG. 24 - Esboço da primeira versão de *CRIPTÓRIS*, 2022. Ilustração digital. Arquivo Pessoal

A personagem surgiu como uma brincadeira, mas foi se tornando uma provocação, para mim mesma, na qual a cada nova criação me direcionava para uma discussão da qual eu tentava me abster. Edith Derdyk (2001) disserta sobre a criatividade que surge da necessidade de traduzir as vivências ainda incomunicáveis. Para ela, essa necessidade busca incessantemente uma linguagem para ser compreendida.

Possivelmente, a criação da personagem "Criptóris" surgiu da minha necessidade de expressar aquilo que eu não conseguia descrever com palavras. O estilo irreverente e explícito de uma vulva adornando o rosto no lugar de um clitóris pode aparecer como uma

espécie de alter ego, que me permite abordar minha visão de mundo, minhas experiências e contradições. Em alguns momentos, ela funciona como um gatilho para explorar questões pessoais, em outros, serve como um ponto de partida para discutir temas coletivos relacionados aos estereótipos femininos atribuídos às mulheres.

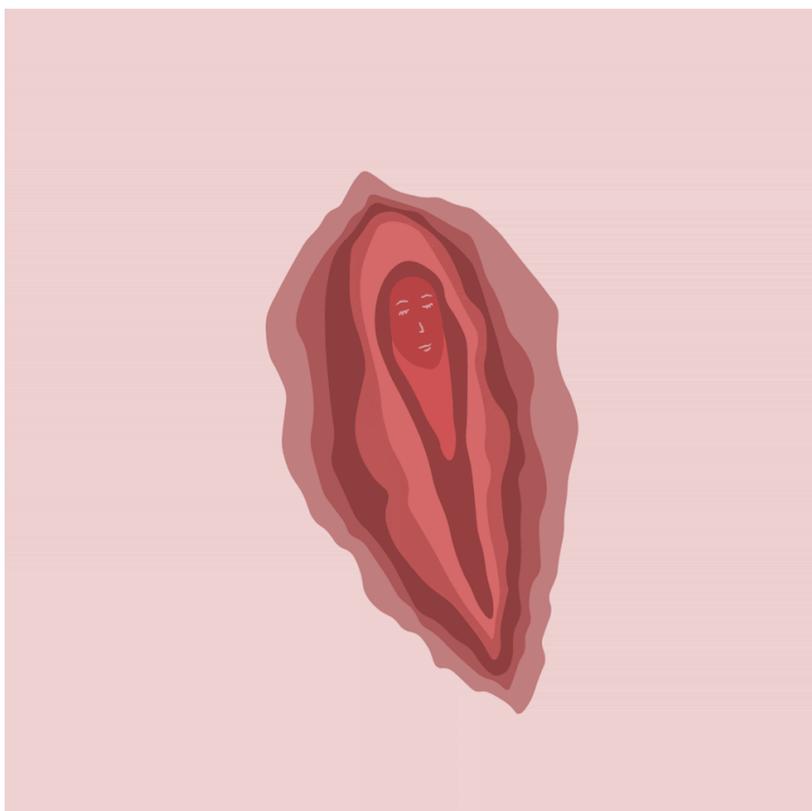


FIG.25 - *Sem título*, 2022. Esboço da primeira versão de CRIPTÓRIS com rosto. Ilustração digital. Arquivo Pessoal

De acordo com Heloísa Buarque de Hollanda (2018), em um contexto recente, é necessário considerar o corpo feminino como uma plataforma de expressão, já que este pode exibir de forma agressiva os muitos sentidos adquiridos como objeto de submissão e abuso masculino.

Juliana Notari (2021) expressa seu ponto de vista sem dificuldades, oferecendo ao mundo o que sente e ressentido como artista, e como ser humano. De caráter autobiográfico, seu trabalho encara questões íntimas relacionadas aos próprios medos, traumas e desejos, marcados pelo apelo existencial e confidências compartilhadas. Suas obras quase sempre possuem pouca narrativa, permitindo descobrir mais de uma compreensão para os conflitos dela e possivelmente os meus. Embora autobiográfico, o trabalho de Notari é descrito por ela como algo estranho a ela mesma, pois sua obra apresenta novos mundos a ela.

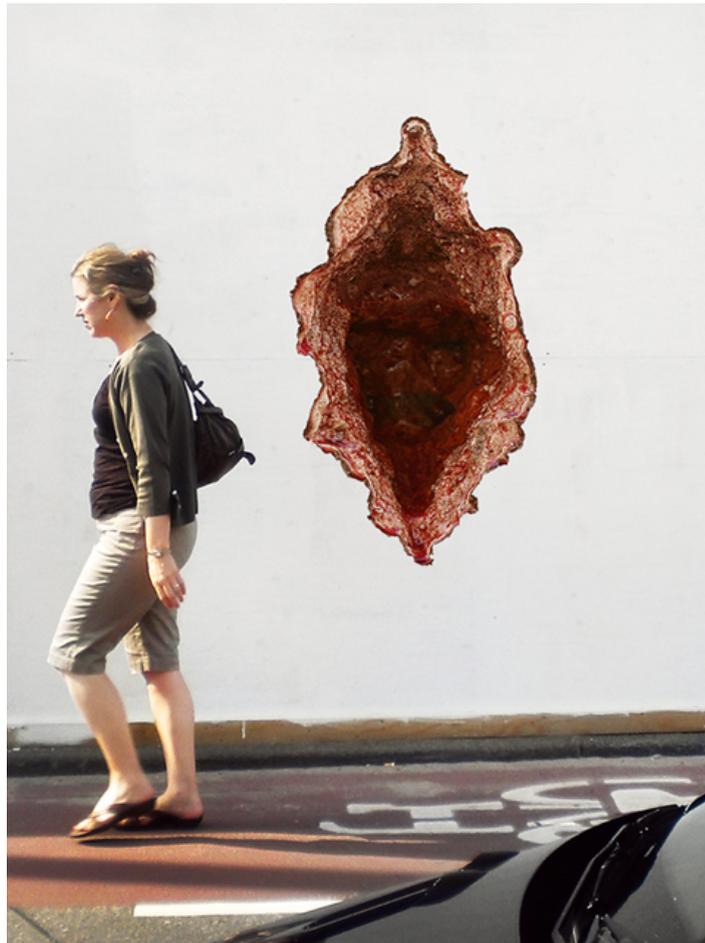


FIG.26 - Juliana Notari, *Spalt-me*, 2009. Intervenção urbana. Dimensões variáveis. Disponível em: <https://www.juliananotari.com/spalt-meintervencao/> Último acesso em: 23 de março de 2023

A obra *Spalt-me* (2009) (FIG. 26) de Juliana Notari consiste em uma representação urbana da anatomia interna de uma vagina. É interessante notar que a obra "CRIPTÓRIS" apresenta semelhanças com as obras de Notari, não só pela representação da vulva, mas também por perpassar questões dos feminismos e autobiografias, por exemplo, falando da vulva é como se contasse histórias da nossa vida, criando um canal de compreensão e compartilhamento das experiências pessoais, possibilitando que o público tenha uma visão mais profunda da obra.

Apesar de estarmos em uma época em que a sociedade é mais aberta em relação à sexualidade e à representação do corpo humano, penso que ainda há resistência e estranhamento em relação à exposição do órgão genital feminino. O fato de *Spalt-me* e *CRIPTÓRIS* possuírem pouca narrativa, permite que as interpretações sejam diversas e pessoais. Essas obras podem ser interpretadas como uma tentativa de confrontar os

valores sociais dominantes com sua própria perspectiva, abordando questões como a objetificação da mulher.

Em suma, tanto uma quanto outra são obras que possuem grande impacto visual e caráter provocativo, mas que também abrem espaço para reflexão e diálogo. Essas obras desafiam a normatividade social e estimulam o questionamento de padrões impostos, ao mesmo tempo que possibilitam uma maior compreensão e aceitação do corpo feminino e da sexualidade.

Outra característica interessante da personagem CRIPTÓRIS é que outras pessoas podem se apropriar dela e se sentir acolhidas por ela. A personagem funciona como uma representação que permite que as pessoas se identifiquem e se expressem livremente. Dessa forma, a ilustração, amparada pela noção de alter ego, ganha personalidade própria, manifestando suas singularidades e auxiliando na busca pelo autoconhecimento.

Segundo a Enciclopédia Britânica, alter ego é uma expressão latina que significa outro eu. Em sua obra, David Zimmerman (2007) disserta sobre a popularidade desse termo na literatura psicanalítica, em que é usado para indicar uma espécie de gêmeo do indivíduo que o cria, compartilhando de suas características exclusivas.

Dessa forma, algumas questões que surgiram de maneira casual no meu trabalho ganharam importância e se tornaram parte central na minha produção artística. Essa centralidade permitiu que a personalidade que se estabelecia nas minhas obras me desafiasse a adotar uma postura mais engajada com o feminismo, ao mesmo tempo em que me possibilitou uma conexão com a minha própria identidade enquanto artista.

Assim, durante meu processo artístico e a partir do esboço inicial, como uma espécie de matriz, passei a criar justaposições de outros desenhos em aquarela, por exemplo, criando texturas novas e variações cromáticas como pano de fundo para a personagem. Para melhor explicar o processo deste trabalho, tirei uma fotografia de uma pintura em aquarela feita a mão e sobrepus a matriz original. Com pinceladas soltas e livres, senti mais fluidez que ao sobrepor a FIG. 27, atribuíram a ela uma sensação de movimento.

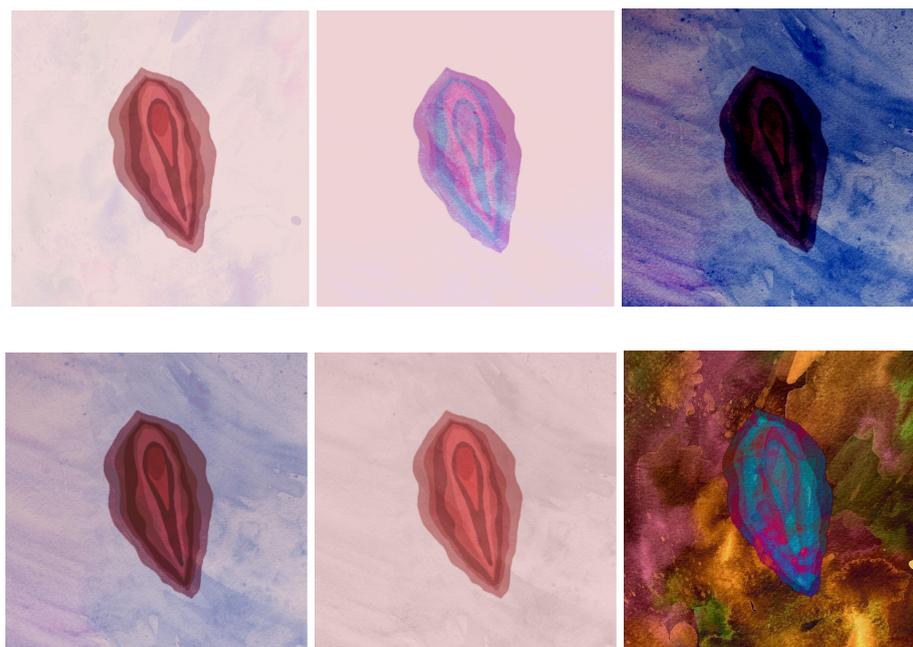


FIG. 27 - *Sem título*, 2022. Esboço com aquarela. Arquivo Pessoal

Ao passarmos estas imagens de forma rápida uma após a outra, percebi o novo caminho que o trabalho poderia seguir. Representando o nascimento da minha personagem. O trabalho em formato de GIF⁴ (FIG. 28), retrata o primeiro movimento da vulva, sua respiração. Durante a realização deste trabalho (FIG. 28) percebi certa limitação ao continuar utilizando o Adobe Photoshop⁵, foi então que comecei a produzir a arte em formato vetorial⁶, utilizando agora o software Adobe Illustrator⁴. Diferentemente de no Photoshop, no Illustrator utilizo vetores para redimensionar as artes sem perda de qualidade e também consigo fazer pequenas alterações, modificando esses vetores (TODD). Esta técnica foi importante para o meu estudo pois ao refazer a matriz (FIG. 24) em formato de vetor cada pequena alteração resultava em uma nova imagem e, assim, criava uma sequência de imagens que interagem entre si, ou seja, cada pequena alteração resultava em uma nova iteração da imagem.

⁴ *graphics interchange format* (formato para intercâmbio de gráficos).

⁵ Programas de edição/criação de imagens/ilustrações fornecidos pela Adobe <<https://www.adobe.com/br/>>.

⁶ A arte vetorial é uma arte composta de gráficos vetoriais. Esses gráficos são pontos, linhas, curvas e formas que se baseiam em fórmulas matemáticas. Quando você dimensiona um arquivo de imagem vetorial, ele não é de baixa resolução e não há perda de qualidade, portanto, ele pode ser dimensionado para o tamanho maior ou menor que você precisar.

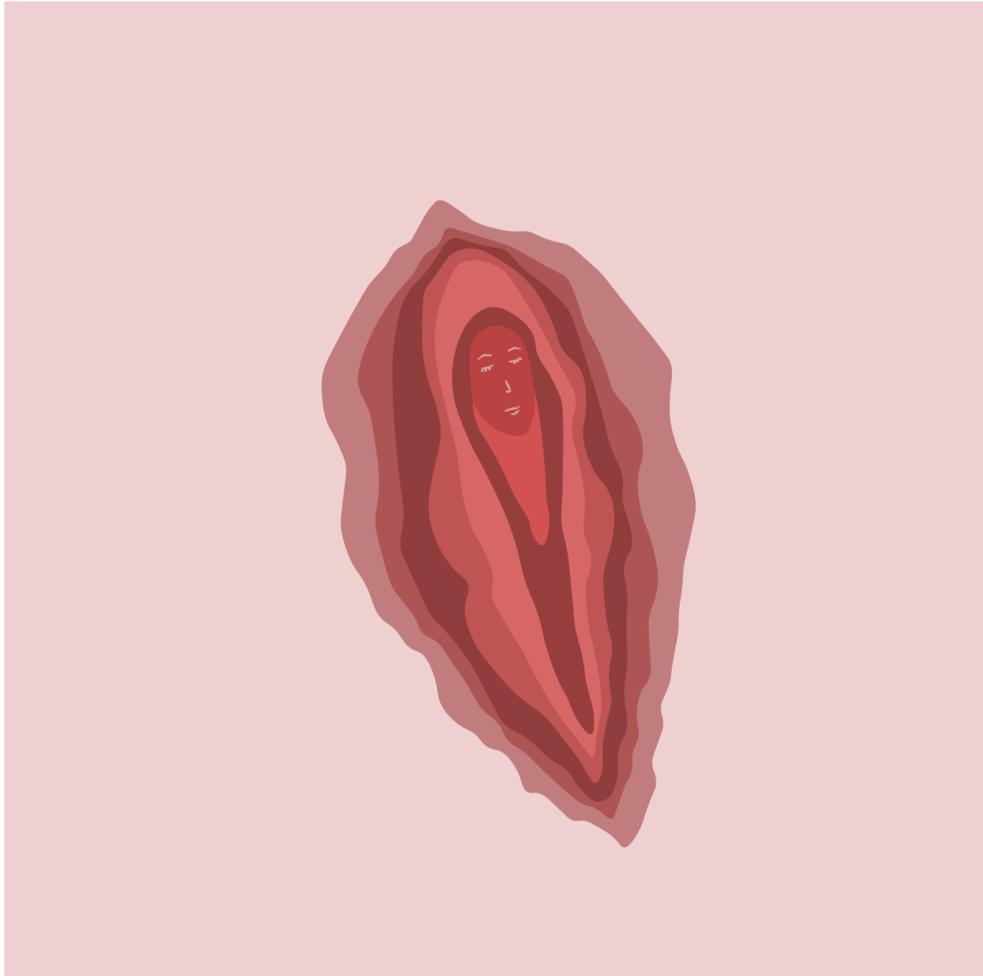


FIG. 28 - *Nascimento*, 2022. Ilustração digital. Arquivo Pessoal.

Para atribuir traços mais humanos à personagem, incluí uma fisionomia, e adicionei pernas e braços. A imagem com membros superiores e inferiores (FIG. 29), me proporcionou novo interesse: minha personagem agora poderia me representar, executando ações do meu cotidiano? A personagem passa a ser uma extensão de mim?

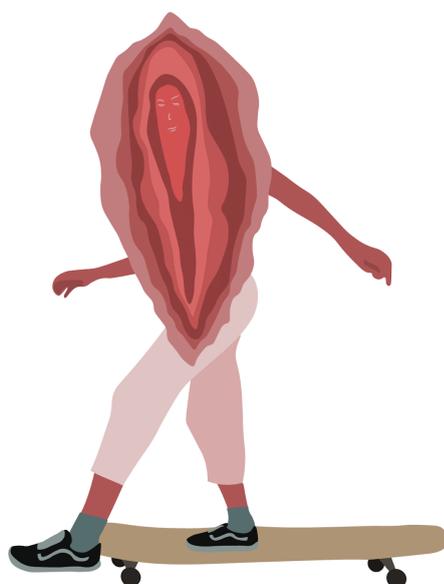


FIG. 29 - *Aparecida andando de Skate*, 2022. Ilustração digital. Arquivo Pessoal. Disponível em: <<https://padlet-uploads.storage.googleapis.com/1568271631/f0f6ab917fc1651bd36e0d73741820a6/ss.gif>>.

Assim como nos trabalhos *Florescer* e nas cerâmicas, questões ligadas às minhas particularidades começaram a vir à tona. Porém, agora deixam de ser apenas uma parte imóvel e se tornam um ser animado. A vulva torna-se uma personagem, uma imagem tão potente como uma vulva; é capaz de causar inúmeras reações como espanto e indignação.

Após essas reflexões, concluí que o nome da personagem, até então batizado de Criptóris, já não fazia mais sentido. Pensando nessa nova proposta e alinhando aos meus próprios interesses de divulgar este e outros projetos, *Aparecida* apareceu justamente na necessidade de aparecer, de mostrar ao mundo tudo o que eu sou, mas também o que eu poderia ser.



FIG.30 - *Aparecida andando de skate 2*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.

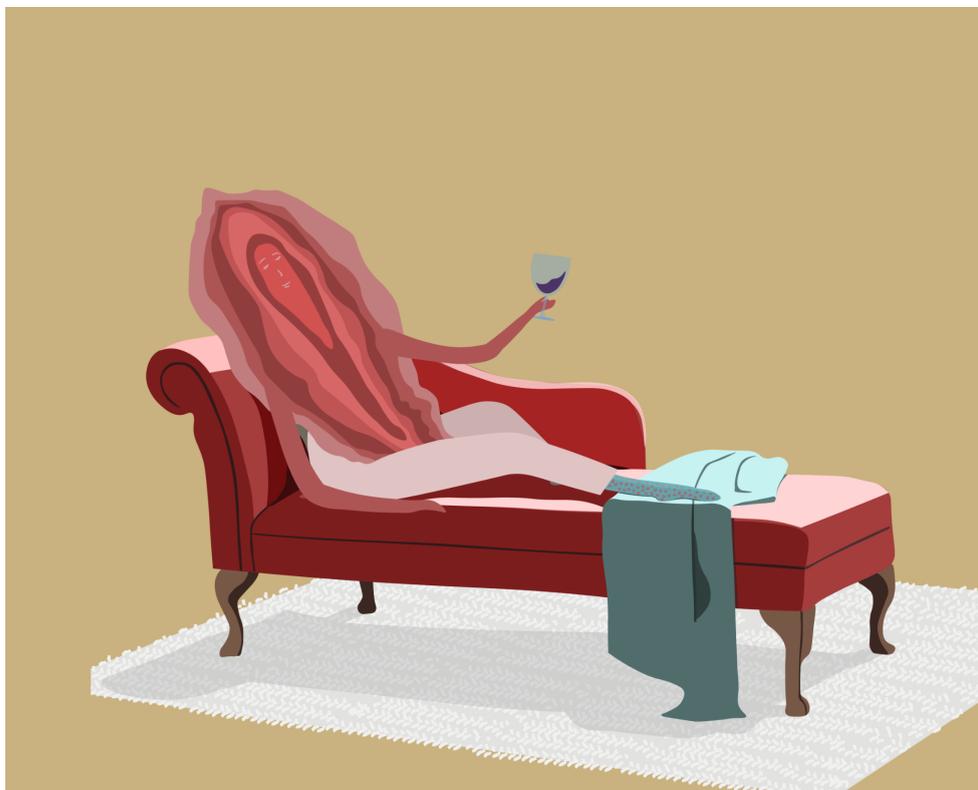


FIG. 31 - *Aparecida relaxando após um dia exaustivo*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.

Ao optar pelo uso da imagem de uma vulva como personagem, pensei ser inevitável a temática humorística neste trabalho e a inevitabilidade de abordar temas complexos e sérios, que estão presentes na crítica à sociedade patriarcal. A utilização do humor como estratégia de enfrentamento dessas questões se mostrou uma possibilidade, mas também trouxe o desafio de como abordar o humor de forma séria e reflexiva. A reflexão de Alice Porto (2021) sobre seu próprio processo criativo pode ser uma inspiração para abordar essa temática de forma mais profunda e consciente. Ela aborda em sua pesquisa, a percepção do seu modo de operar de encontrar humor como força ou revide em situações opressivas também transbordou para sua produção poética. No entanto, na hora de transpor essa reflexão para a escrita, surge a questão de como abordar o humor de forma séria.

O artigo “Humor e ativismo feminista na obra do coletivo Guerrilla Girls” (ALVES, 2021) fala sobre a estratégia de usar o humor como forma de ativismo feminista pelo grupo Guerrilla Girls, um grupo ativista formado por mulheres de diferentes nacionalidades, etnias, classes, orientações sexuais. A exposição *Guerrilla Girls Gráfica 1985-2017*⁷ foi uma fonte rica de análise do humor feminista e da arte produzida por mulheres. O grupo usa sobreposições de dispositivos humorísticos como sátira, paródia e disfarce para transmitir sua mensagem. De acordo com o texto, utilizar o humor como uma estratégia de ativismo feminista é uma forma de virar o jogo contra o inimigo, já que historicamente o humor tem sido negado às mulheres e usado para descredibilizar o movimento feminista desde o seu início. Hélène Cixous (2022) fala sobre a importância do riso como uma forma de empoderamento feminino, definindo o riso como uma libertação e afirmando que as mulheres devem se permitir rir, chorar e gritar.

Helena Martín Franco é uma artista da Colômbia que trata em sua produção de questões relacionadas à identidade, incluindo a cultura, a nacionalidade e o gênero. Para explorar esses temas, ela usa o recurso do alter ego, o que lhe permite experimentar novas personalidades e incorporar diferentes sujeitos, como *corazón desfasado*, *fritta caro* e *une femme éléphante*. Através do humor, ela consegue lidar com assuntos como medo, clichês, tabus do corpo, sexualidade e religião, usando suas próprias decepções como fonte de inspiração.

⁷Exposição realizada no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), durante o período de 29 de setembro de 2017 à 14 de fevereiro de 2018, com curadoria de Adriano Pedrosa e Camila Bechelany. Informações disponíveis em: <<https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017>>. Último acesso em: 12 de março de 2023.

Penso que a vivência pessoal desempenha um papel fundamental na minha criação artística, uma vez que é a partir das experiências vividas que a produção se desenvolve. Considero que o processo criativo em sua totalidade é uma experiência valiosa que merece ser compartilhada, pois é essencial para a conclusão tanto da obra de arte quanto do texto escrito.

Muitas artistas encontraram no humor diferentes maneiras de expressar suas críticas à sociedade e fortalecer suas vozes. Para mim, *Aparecida* representa uma força semelhante, em que minha crítica é direcionada às situações cotidianas que muitas vezes são sexualizadas, o que me faz sentir reprimida ao realizar atividades simples como ir ao mercado ou caminhar na rua por medo.

A *Aparecida* traz à tona como frequentemente me sinto em diversas situações, enfrentando não apenas a sexualização, mas também com a discriminação que enfrento como mulher para realizar certas atividades. Em 2014, ingressei na faculdade de Sistemas da Informação da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e muitas vezes me encontrava como a única mulher em sala de aula, já que o meio da computação é visto muito frequentemente como masculino.

Além das leituras já citadas, as conversas com outras mulheres foram e são essenciais para a motivação, engajamento e escrita deste trabalho. Conversar sobre os abusos que sofremos com minhas amigas de infância, por exemplo, aconteceu apenas na fase adulta; infelizmente, nenhuma delas conseguiu escapar de abusos. O mesmo ocorreu em uma conversa com minhas primas. Durante nossas conversas, muitas expressam o desconforto de estarem sozinhas em uma sala cheia de homens. A palavra "sozinha", mesmo quando rodeadas, nos dói, pois inúmeras mulheres são cercadas pelo desconforto, trauma e medo. Por isso, inicialmente escolhi fazer imagens apenas da *Aparecida*, sozinha, sem nenhuma interferência externa.



FIG. 32 - *Aparecida trabalhando em home office, em 2022.* Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.



FIG. 33 - *Aparecida andando de bicicleta*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.



FIG. 34 - *Aparecida ceramista*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.



FIG. 35 - *Aparecida pintando*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.



FIG. 36 - *Aparecida lendo*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.



FIG. 37 - *Aparecida escrevendo*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.

Para criar essas ilustrações, selecionei fotografias de mulheres, algumas delas eram minhas, outras encontrei na Internet. Em cada ilustração, é possível perceber que o fundo ficou mais complexo e detalhado, embora não tivesse essa intenção consciente. Talvez tenha sido meu subconsciente sugerindo que era hora de dar voz à *Aparecida* no mundo. Ao observar as ilustrações da *Aparecida*, sinto uma mistura de sentimentos que envolvem tanto a ideia de autonomia e independência quanto a sensação de falta desses aspectos.

Ao sentir a necessidade de iniciar uma conversa com outras mulheres, antes de criar minhas novas ilustrações, decidi criar adesivos com a imagem da *Aparecida* para distribuir. Alguns adesivos foram colados em vários lugares da cidade, a maioria foi distribuída para mulheres, tanto para conhecidas quanto para desconhecidas que eu encontrava nas minhas saídas. Quem recebia demonstrava curiosidade e perguntava o significado da imagem. Algumas conversas eram breves, com duração de cinco a dez minutos, enquanto outras duraram mais de meia hora e pelas quais ouvi novas histórias e experiências.



FIG. 28 - *Sem título*, 2022. Adesivo. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.

Inicialmente, optei por configurar os adesivos em uma forma retangular, uma vez que meu propósito era fixá-los em áreas públicas, como bares, por meio de adesão interna. Essa configuração me remetia à aparência de um lambe-lambe, porém, sem a necessidade de utilizar cola para fixar o material em ambientes internos, permitindo que as pessoas os fixassem onde quisessem. Além disso, acreditei que a superfície branca do retângulo seria capaz de proporcionar uma maior visibilidade e destaque à imagem.

Para a escolha da imagem, optei pela primeira ilustração que havia acrescentado pernas e braços. Com a evolução do projeto e após receber *feedbacks* e opiniões externas, decidi reduzir a área em branco do adesivo, deixando uma borda mais estreita em torno da imagem central. Achei interessante continuar com os dois estilos de adesivo variando o lugar onde colocaria cada um ou para quem e onde distribuir. Já que não havia nenhuma página ou *site* criado para o projeto, decidi deixar o adesivo sem assinatura.

Avançando na linha do tempo da produção das obras que seguem, julgo oportuno adicionar nesta seção do trabalho uma experiência que vivenciei durante a distribuição de adesivos. Para isso, é necessário contextualizar o/a leitor/a. Em 2022, passei por uma significativa transformação ao deixar minha cidade natal, Porto Alegre, e me mudar para Belo Horizonte. Essa mudança foi um grande desafio, tanto na minha vida pessoal quanto no desenvolvimento deste trabalho. Quando vivia em Porto Alegre, já possuía um grupo de amigos/as estabelecido, lugares familiares que eu frequentava, o que me trazia segurança e mais confiança para conversar com estranhos/as. Contudo, em Belo Horizonte, tudo era novo para mim. Para reunir forças e superar a timidez, resolvi começar visitando um lugar que me fizesse sentir "em casa": o Instituto de Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A partir dali, comecei a explorar diversos museus e centros culturais. Para divulgar a *Aparecida*, comecei colando os dois tipos de adesivos em diversos lugares da cidade, como banheiros femininos, bares e outros locais onde já havia outros adesivos colados.

Continuei nesse processo até a época do carnaval, quando tomei coragem e finalmente comecei a distribuir os adesivos e conversar com outras mulheres. Quando recebiam os adesivos, as mulheres frequentemente me questionavam sobre o significado e perguntavam se podiam colar em alguma parte do corpo ou da roupa. Algumas até pediram mais adesivos para levar para casa. Durante essas interações, tive conversas interessantes com mulheres trans, a maioria das quais afirmava que a vulva não as

representa, mas que ainda assim entendiam a minha causa. A maioria das mulheres trans pegava o adesivo e o colocava no braço ou na perna, expressando seu apoio à causa.

Buarque de Holanda (2018) destaca a importância da escuta e do reconhecimento das diferenças entre os diversos sujeitos dos feminismos e suas necessidades específicas.

Percebo que hoje, para uma feminista branca, é antes de mais nada importante promover um tipo de escuta na qual, sem abrir mão de seu próprio “lugar de fala”, sejam possíveis formas inovadoras de empatia e de troca que gerem novas perspectivas de reflexão e ação. A formulação de Hannah Arendt, quando afirma que “sem diálogo não há política”, volta agora como uma referência forte no meu posicionamento diante do que estou chamando aqui de feminismos da diferença. [...] A década de 1980 foi povoada, para nós, feministas da geração passada, pela questão da interseccionalidade e do “lugar de fala”, o que afetou diretamente aquilo que passou a se chamar de feminismo universal ou liberal. A consolidação desse debate e seu conseqüente poder interpelativo foi, entretanto, extremamente lento e sofreu fortes reações, com pequenos avanços e grandes recuos. Isso apenas comprova a profundidade e a força das desigualdades na dinâmica das relações de poder entre nós. Debater, explicitar ou defender seu “lugar de fala”, no momento em que escrevo esse texto, já é uma conquista que não passa despercebida. Brigas, confrontos e intolerâncias, agora potencializados pelo poder de difusão da web, tornaram-se comuns (HOLANDA, 2018, p. 248)

A autora menciona o livro *O que é lugar de fala?* (2017) de Djamilia Ribeiro “Resumindo bastante, *O que é lugar de fala?* termina demonstrando a necessidade política e epistemológica da tomada de consciência do lugar de onde os diversos sujeitos estão falando para que o diálogo democrático possa se instituir igualitariamente” (HOLANDA, 2018, p. 249).

Angela Davis (2018) ressalta como o feminismo deve ir além da luta pela igualdade de gênero e considerar e abordar outras questões:

O feminismo envolve muito mais do que a igualdade de gênero. E envolve muito mais do que gênero. O feminismo deve envolver a consciência em relação ao capitalismo – quer dizer, o feminismo a que me associo. E há múltiplos feminismos certo? Ele deve envolver uma consciência em relação ao capitalismo, ao racismo, ao colonialismo, às pós-colonialidades, às capacidades físicas, a mais gêneros do que jamais imaginamos, a mais sexualidades do que pensamos poder nomear. O feminismo não nos ajudou apenas a reconhecer uma série de conexões entre discursos, instituições, identidades e ideologias que tendemos a examinar separadamente. Ele também nos ajudou a desenvolver estratégias epistemológicas e de organização que nos levam além das categorias ‘mulher’ e ‘gênero’. As metodologias feministas nos impelem a explorar conexões que nem sempre são aparentes. E nos impulsionam a explorar contradições e descobrir o que há de produtivo nelas. O feminismo insiste em métodos de pensamento e de ação que nos encorajam a uma reflexão que une coisas que parecem ser separadas e que desagrega coisas que parecem estar naturalmente unidas (DAVIS, 2018, p. 99).

De acordo com Judith Butler (2003), é possível que a ideia fixa de gênero não seja mais adequada como fundamento para a política feminista, o que poderia levar ao desenvolvimento de uma nova abordagem feminista que considere a natureza mutável da identidade como um elemento metodológico e normativo essencial, e não apenas um objetivo político.

A identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento. Talvez, paradoxalmente, a ideia de “representação” só venha realmente a fazer sentido para o feminismo quando o sujeito “mulheres” não for presumido em parte alguma (BUTLER, 2003, p. 23).

Durante a distribuição dos adesivos, a ideia de lugar de fala se torna evidente na prática. Isso significa reconhecer que a vulva representa uma parte significativa da minha identidade e que, embora a vulva possa ser um símbolo importante para algumas mulheres, outras podem não se identificar com essa imagem. Buarque de Holanda, Davis e Butler salientam que os feminismos precisam ser mais abertos e inclusivos, levando em conta as múltiplas formas de opressão que afetam as mulheres e a existência das diferentes identidades de gênero e sexualidade. Para conseguirmos ter um diálogo democrático igualitário, é importante entender de onde cada pessoa está falando. Isso significa entender, por exemplo, que a perspectiva de uma mulher trans é diferente da de uma mulher cisgênero, o que influencia a forma como elas se relacionam com questões como a representação visual da vulva.

Em uma nova etapa, decidi explorar a figura da *Aparecida* em diferentes ambientes e situações, imaginando como seria estar na pele dessa figura tão icônica. Continuando com a temática satírica, nas ilustrações a seguir apresento imagens sobre a presença feminina em espaços urbanos, onde criei uma interação visual entre a personagem e o ambiente. Para isso, peguei fotografias disponíveis na internet, depois editei as fotos no Adobe Illustrator para que a ilustração da *Aparecida* pudesse se integrar de forma mais harmônica com a imagem e também para que não deixasse nenhum rosto identificável. Quando senti que a imagem já estava como eu desejava, incluí a *Aparecida*. Foi interessante ver o contraste criado, pois ao colocar a *Aparecida* nas imagens, percebi que ela não poderia mais estar sozinha. Acredito que essa abordagem trouxe um novo significado para meu trabalho, pois não estou apenas explorando a personagem em si, mas também sua relação com o ambiente ao redor, no qual parecia estar faltando algo. Resolvi adicionar outras *Aparecidas* na imagem. Inicialmente usei a mesma ilustração, sem mexer

em nada, porém, pensando na diversidade e particularidades, resolvi incluir outras versões da *Aparecida* na imagem com diferentes cores e tamanhos. Ainda recordando as conversas que mencionei anteriormente, nas quais outras mulheres compartilhavam aflições e sentimentos semelhantes aos meus, utilizei a mesma matriz como molde, trazendo a ideia de conexão e fui alterando uma por uma. Meu objetivo é que *Aparecida* represente como muitas vezes me sinto vista nesse contexto.

Acredito que uma das fortes influências para a realização deste trabalho foi ver os adesivos colados pela cidade. Pessoas que me conheciam e sabiam do meu trabalho sobre a *Aparecida*, me mandaram fotos dos adesivos que viram colados pelos diferentes lugares. Foi nesse momento que pensei em criar uma sátira, na qual as *Aparecidas* tivessem vida própria e interagissem entre si.

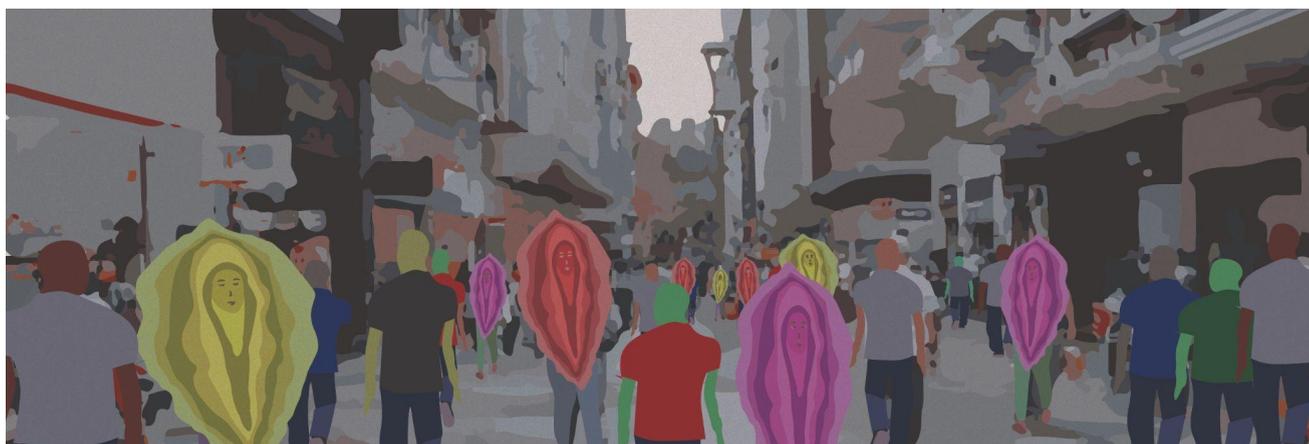


FIG. 39 - *Multidão*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.



FIG. 40 - *Banco*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.

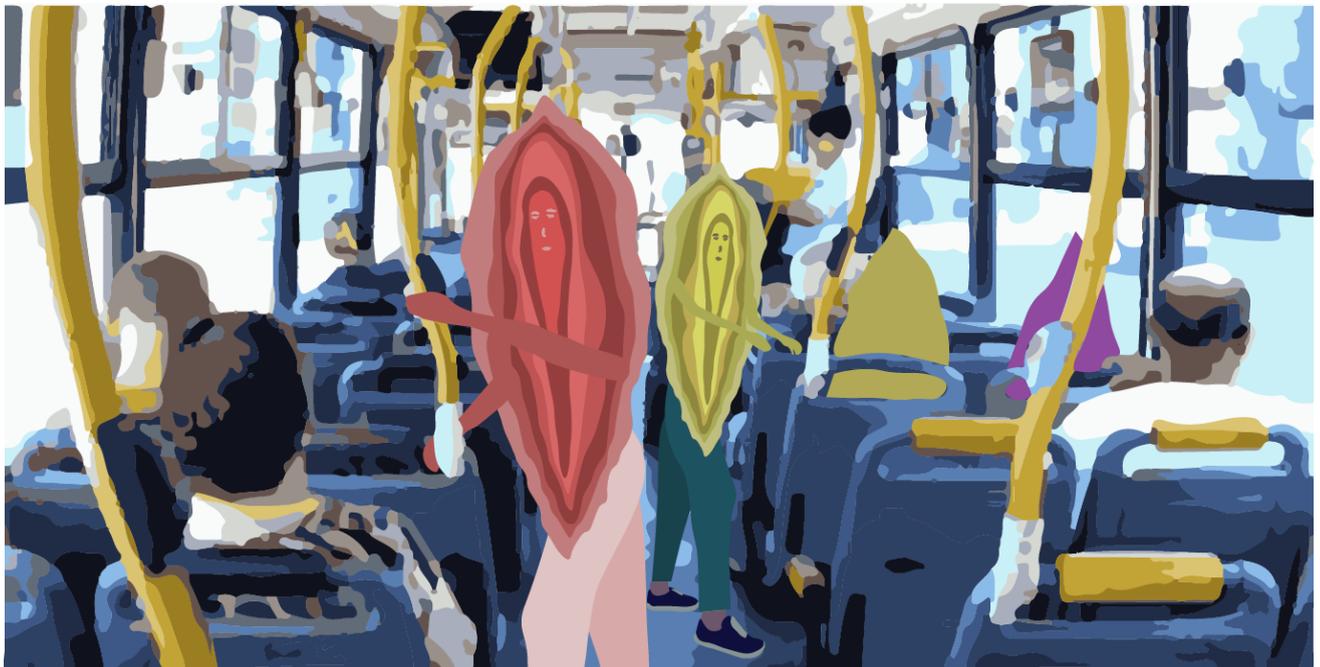


FIG. 41 - *Ônibus*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.

A Clitorosity⁸ é uma comunidade que realiza uma proposta interessante: eles desenham o formato do clitóris com giz, diretamente no chão das ruas, em tamanho e

⁸ <https://clitorosity.com>

cores chamativas, para provocar os/as espectadores/as a adivinhar o que está sendo representado. Em sua página nas redes sociais, explicam que o objetivo dessas exposições é conscientizar as pessoas sobre o clitóris, além de discutir temas como vergonha e celebração. Eles/as também compartilham vários diálogos que têm com o público e comentários que ouvem das pessoas que estão conversando.



FIG. 42 - Clitorocity, *Sem título*, 2017 Fonte: <<https://clitorosity.com>>. Último acesso em: 7 de março de 2023.

Os diálogos compartilhados em sua rede social revelam que as pessoas fazem brincadeiras e suposições curiosas sobre o desenho, chegando a compará-lo a um avião, uma flor ou até mesmo uma calça da moda. Heloisa Buarque de Holanda (2018) afirma que "não só na arte as mulheres falam. Espaços públicos tiveram que se render às mulheres." (HOLANDA, 2018, p. 55).

Reflico sobre a importância da arte ir para as ruas para alcançar um público mais amplo. O grupo ativista *Guerrilla Girls* (Alves, 2021) se organizou, produzindo e colando cartazes pelas ruas da cidade, na busca de maior alcance. O artigo "Humor e ativismo feminista na obra do coletivo Guerrilla Girls" (2021) fala sobre a questão do humor utilizada no coletivo trazendo uma resposta de uma das integrantes:

Quando questionada sobre o motivo de usarem humor em suas práticas, uma das integrantes do grupo respondeu o seguinte: "Nossa situação como mulheres e artistas de cor no mundo da arte era tão patética, tudo o que poderíamos fazer era zombar disso. Foi tão bom ridicularizar e menosprezar um sistema que nos excluía. Também havia aquela ideia obsoleta de que feministas não têm senso de humor" (ALVES, 2021, p.4).

Cixous (2022) cita que falava para suas amigas "é a nossa vez de rir. [...]" (CIXOUS, 2022, p. 30) e que "esse riso propunha e experimentava um novo estilo do feminino" (CIXOUS, 2022, p.11).

O trabalho *Aparecida* traz um tom satírico ao incorporar sua imagem nas ruas, seja como adesivo - se deslocando literalmente pelas ruas -, ou como montagens, justaposição de imagens, para criticar o assédio que as mulheres enfrentam no cotidiano, como os assobios, as buzinas e outros comportamentos indesejados. Se você já ouviu frases como "mas ela estava usando tal roupa" ou "ela estava na rua tarde da noite", provavelmente também ouviu a justificativa de que a vítima pediu por isso. No entanto, as mulheres sabem que, independentemente da roupa, local ou horário, a crítica é sempre direcionada para elas. É importante ressaltar que não concordo com essas frases e defendo que todos devem ter o direito de se vestir da maneira que desejam. Volto ao pensamento de Cixous (2022) que diz como aprendemos a sermos críticas de nós mesmos: "nós nos afastamos de nossos corpos, que nos ensinaram vergonhosamente a ignorar, que nos ensinaram a bater com aquele estúpido pudor [...]" (CIXOUS, 2022, p.64).

Na FIG. 39, eu capturei a imagem da tela do computador, usando a ferramenta *print screen*, a partir da busca feita no *Google Maps* da Rua dos Andradas, localizada no centro de Porto Alegre. Depois modifiquei a imagem da rua reduzindo as cores e detalhes. Nesta primeira imagem, editei os homens como se estivessem de costas, mas meu objetivo não era destacá-los e sim preencher a imagem com suas diferenças a partir das mulheres. Já para as outras imagens (FIG.40 e FIG.41), decidi tornar a edição mais semelhante à imagem original, utilizando mais cores e sem editar os homens presentes na imagem, apenas as mulheres. Desse modo, eles se tornaram apenas parte da paisagem, enquanto as *Aparecidas* ganharam destaque, criando uma ideia de vínculo entre elas.

Hilde Sam Atalanta (pronome neutro: they/them) produz diversas ilustrações. No livro denominado *A Celebration of Vulva Diversity [Uma celebração da diversidade da vulva]* (2019), aborda a diversidade das vulvas por meio de histórias pessoais e retratos reais com ilustrações da vulva de pessoas reais. O livro trata de tópicos como educação

sexual e saúde, bem como experiências e inseguranças abordadas abertamente. Em sua página no Instagram e em seu site⁹, compartilha suas ilustrações de diferentes vulvas.



FIG. 43 - Hilde Sam Atalanta, *The vulva gallery*, 2022. Fonte: <<https://www.instagram.com/the.vulva.gallery/>>.

Último acesso em: 3 de março de 2023

⁹ @the.vulva.gallery <<https://www.thevulgagallery.com/>>

Durante meu estudo em arte digital, enquanto trabalhava com fotografias de lugares, resolvi criar uma ilustração baseada na escultura *Perseus with the head of Medusa* [*Perseu com a cabeça de Medusa*] (1545-1554) de Benvenuto Cellini, que se refere a história da medusa. Questiono-me sobre a possibilidade de, sem perceber, meu inconsciente se expressar novamente. A questão de porque escolher retratar logo esta escultura que conta a história de uma mulher que foi estuprada e condenada como se ela fosse a culpada.

A história da Medusa, segundo Ovídio (2007), fala sobre como sua beleza atraiu a atenção de um homem, que a estuprou, e a punição que recebeu de uma mulher por conta deste ato. Após tudo isso, ainda foi decapitada por outro homem. Parafraseando Cixous (2022), cansei de todas essas decapitações e castrações ao se referir a questões relacionadas aos sujeitos dos femininos.

Este trabalho foi o início de uma nova descoberta, que me levou a uma nova investigação, na qual decidi utilizar cenas famosas de filmes como base para as minhas ilustrações, mas vistas de uma perspectiva diferente - a perspectiva da personagem Aparecida. Para isso, coloquei a personagem no lugar que seria ocupado pela mulher na cena original.



FIG. 44 - *Medusa*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.



FIG. 45 - *Pulp Fiction de Aparecida*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.



FIG. 46 - *Kill Bill de Aparecida*, 2023. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.



FIG. 47 - *Que horas ela volta?* de Aparecida, 2023. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.

Conforme ia produzindo, comecei a refletir sobre o lugar dos femininos nas mídias e na cultura em geral, sua representação nas mídias e quais as implicações disso na vida real. Muitas vezes, as mulheres são retratadas de forma estereotipada ou limitante, o que pode reforçar a desigualdade de gênero e influenciar a forma como as mulheres são percebidas na sociedade. Buarque de Holanda (2018) enfatiza a importância que as redes sociais tiveram para a conquista da comunicação de múltiplos feminismos, facilitando diferentes modos de fala e permitindo lugares para vozes individuais se expressarem.

Buarque de Holanda (2018) cita uma situação que ocorreu durante um debate no lançamento do filme *Que horas ela volta?* em que dois homens, Cláudio Assis e Lírio Ferreira, amigos da diretora do filme, Anna Muylaert, chegaram bêbados e interromperam o evento diversas vezes, fazendo comentários machistas para o público presente. Esse acontecimento gerou uma grande repercussão nas redes sociais e na mídia, provocando discussões sobre a desigualdade de gênero no meio audiovisual e motivando mulheres do setor a se mobilizarem ainda mais. Essa situação fez com que Anna Muylaert percebesse a importância de falar sobre os feminismos e como ela mesma não havia notado a questão feminista em seu filme.

Escrito e dirigido por Anna Muylaert, o filme conta a história da empregada doméstica Val (Regina Casé) e sua relação com a filha Jéssica (Camila Márdila), que se recusa a aceitar calada as opressões decorrentes de sua classe social. [...] A própria diretora reconhece que, apesar de ter feito um filme protagonizado por mulheres e que concede à mulher proletária um protagonismo historicamente negado, até então não havia se confrontado com essas questões: O *Que horas ela volta?* eu nunca pensei que seria um filme feminista, nunca passou pela minha cabeça isso. Apesar de a fotógrafa ser mulher, eu, as principais atrizes e tudo mais, era natural para a gente. Aí depois esse assunto veio. Eu comecei a sofrer ataques machistas, e aí as pessoas começaram a falar que o filme era feminista, e eu: “Oba, é sim, é sim, vamos falar disso”. Com a repercussão do filme e dos ataques machistas, Anna Muylaert começou a dedicar maior atenção às pautas feministas ligadas ao audiovisual (BUARQUE DE HOLANDA, 2018, pp.139-140).

Tanto este quanto inúmeros outros episódios ouvimos falar no contexto do cinema e do audiovisual de maneira geral sobre as opressões que os múltiplos sujeitos dos feminismos sofrem mostram a necessidade de discutirmos a representação destes femininos neste meio. Enquanto as ilustrações da *Aparecida* buscam instigar o questionamento e a reflexão da representação, o episódio relatado evidencia como a desigualdade de gênero é uma questão presente na produção cultural contemporânea.

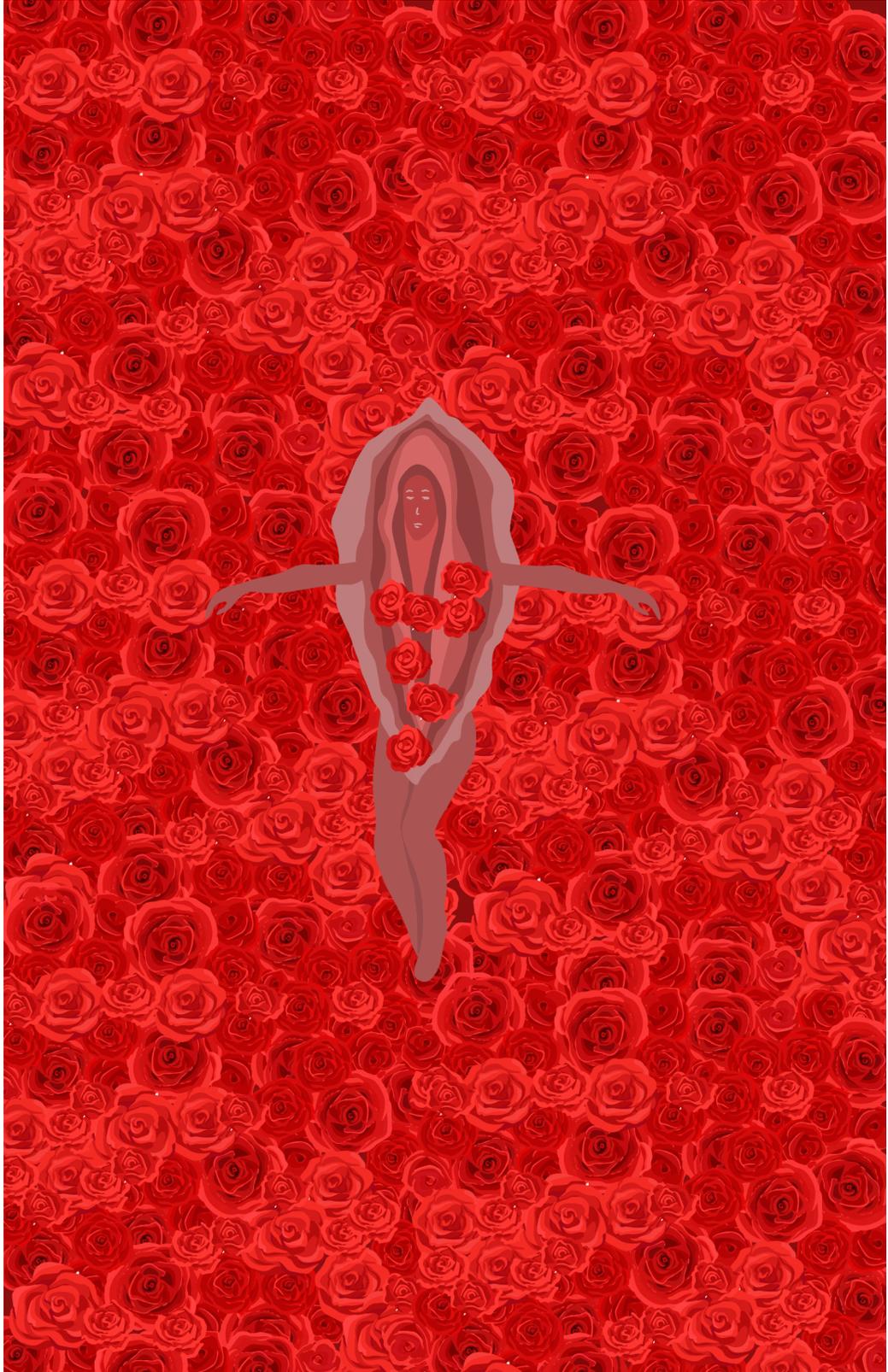


FIG. 48 - *Beleza americana de Aparecida*, 2023. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.

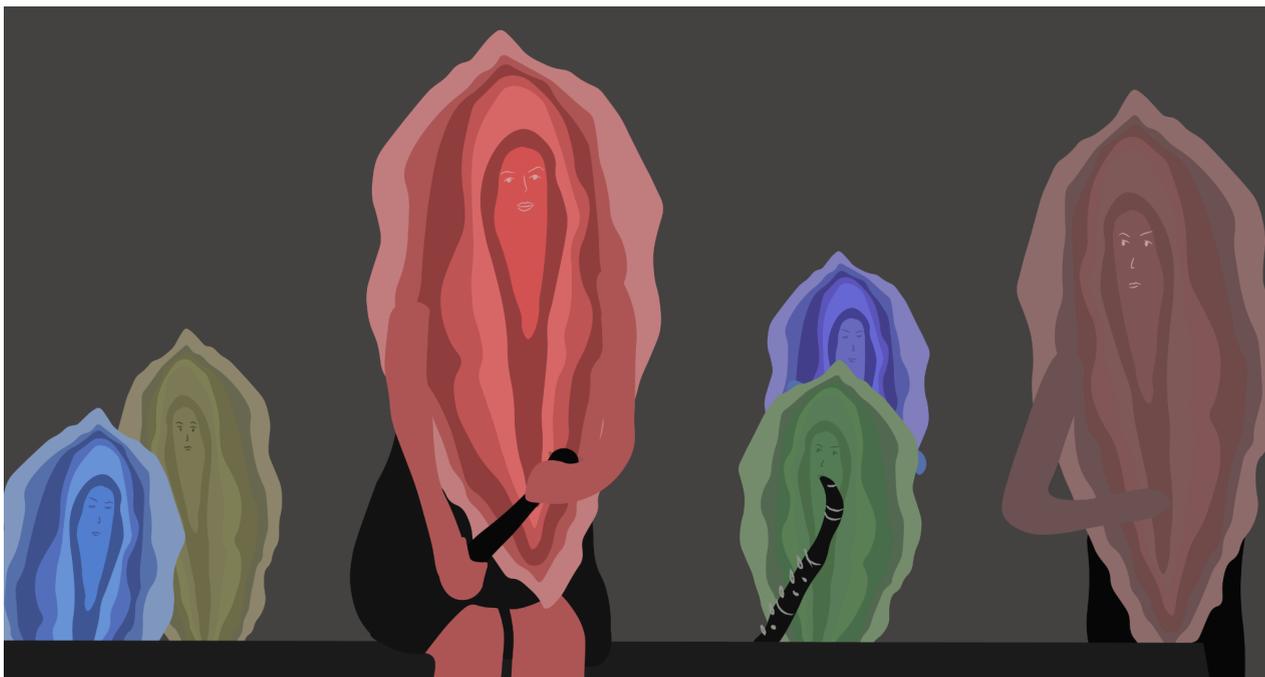


FIG. 49 - *Quanto mais quente melhor de Aparecida*, 2023. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.

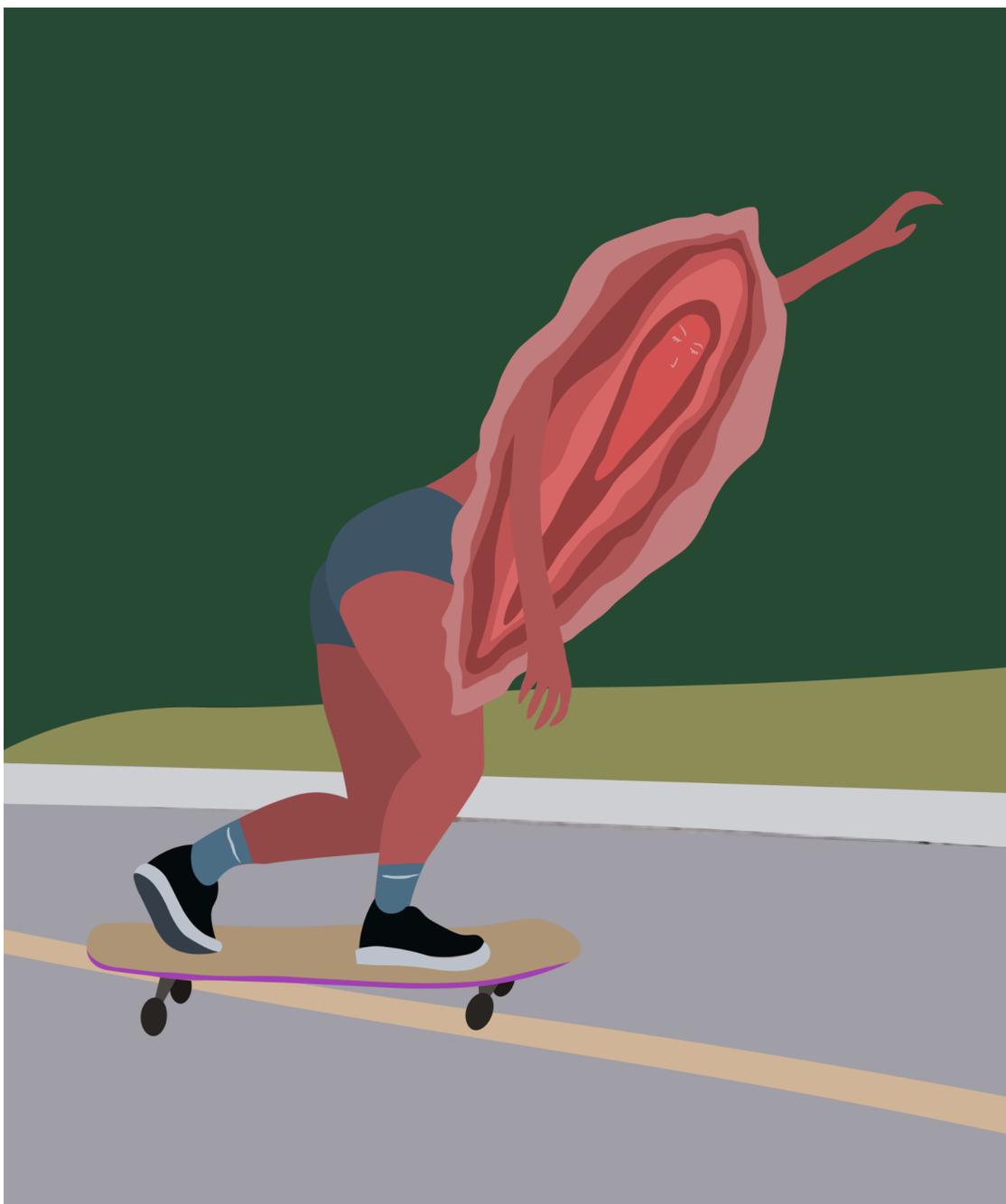


FIG. 50 - *Aparecida andando de skate 3*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.



FIG. 51 - *Aparecida andando de skate 4*, 2022 Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.



FIG. 52 - *Aparecida andando de skate 5*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.



FIG. 53 - *Aparecida se maquiando*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.

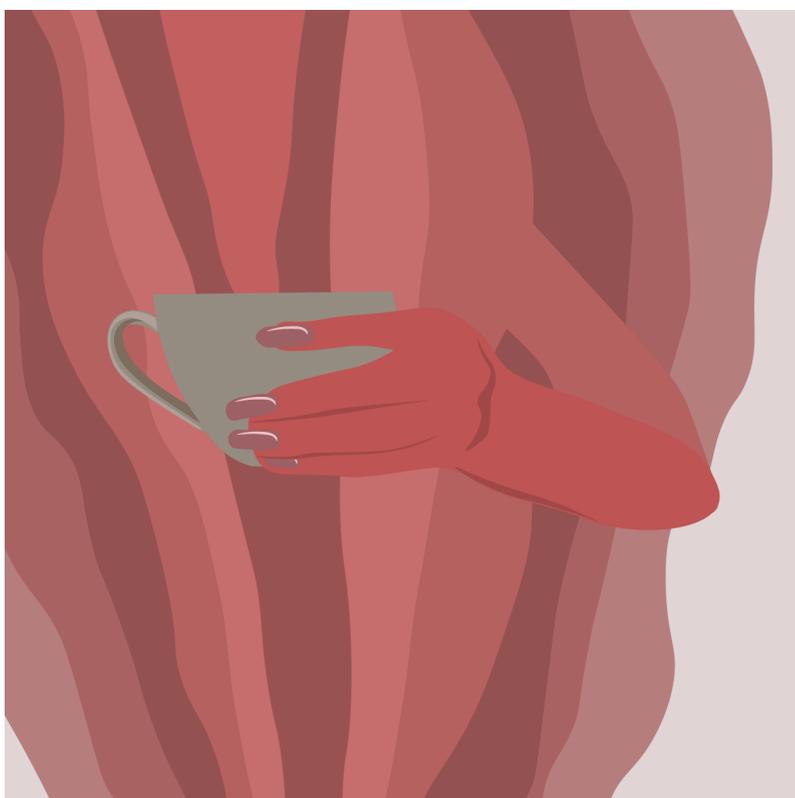


FIG. 54 - *Pausa para o café*, 2022. Ilustração digital. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal.



FIG. 55 - QR Code com direcionamento para página de ilustrações digitais. Fonte: Evelyn Holz. Arquivo Pessoal. Fonte: <<https://padlet.com/evelynholz182/aparecida-njjr4oyt682ovugg>>

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta retomada de trabalhos e processo criativo durante a minha trajetória na graduação em Artes Visuais - Bacharelado, pude compreender e identificar a presença de padrões e questões que circundam meu trabalho. A identificação destas questões permitiu que eu pudesse procurar referências e conhecer trabalhos que se relacionassem com os meus, permitindo que pudesse ter uma melhor compreensão com o meu próprio trabalho e criasse relações com pessoas que têm as mesmas questões.

Conhecer melhor outras mulheres, tanto nos diálogos feitos quanto pelas pesquisas, me proporcionaram um maior entendimento de mim mesma, entendendo que muitas de minhas questões individuais são também questões coletivas que crescem a partir do diálogo.

Este trabalho é o resultado das minhas experiências e buscas internas de um autoconhecimento. Contudo, ao longo da pesquisa, percebi como minhas vivências e dores, mesmo quando tento ignorá-las, se fazem presentes em meus trabalhos e são questões de outras mulheres também.

Considero incluir um QR Code no futuro para fornecer mais informações sobre a personagem e referências de outras artistas. Por enquanto deixei apenas para a melhor visualização de trabalhos como os GIFs. Deixarei essa questão para ser refletida em uma continuação desta pesquisa visando estabelecer um diálogo mais amplo.

O trabalho de outras artistas, além de me incentivar a ir atrás de novos caminhos me fizeram pensar em novas questões, muitas das quais ainda vou buscar em futuras pesquisas, como entender cada vez mais o meu lugar de fala e um estudo mais aprofundado do feminismo atual com seus múltiplos agentes.

Por fim, este trabalho permitiu-me compreender que a arte é um meio de expressão que vai além das questões individuais e que pode ser uma ferramenta para tocar questões coletivas e promover diálogos e reflexões importantes para a sociedade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

ALMEIDA, FL. **Mulheres recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas artes Visuais**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/110768/ISBN9788579831188.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 23 Fevereiro 2023.

BUXTON, R. **The Complete World of Greek Mythology**. London: Thames & Hudson; 2004.

BOURGEOIS, Bernadac M-L Obrist HU. **Destruction of the Father Reconstruction of the Father : Writings and Interviews 1923-1997**. Cambridge Mass: MIT Press in association with Violette Editions London; 1998. Disponível em: https://monoskop.org/images/b/b8/Bourgeois_Louise_Destruction_of_the_Father_Reconstruction_of_the_Father_Writings_and_Interviews_1923-1997.pdf

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto (2007). Ed. Livros Cotovia: Lisboa, Portugal.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2019.

CASAL, Sol. **VENDO TETAS, 2018**. Disponível em: <https://solcasal.com/VENDO-TETAS>. Acesso em: 18 de Março de 2023.

PRECIADO, P. B. **Testo junkie, Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018. Disponível em:

https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2022/05/Preciado-Testo-Junkie_-sexo-drogas-e-biopolitica-na-era-farmacopornografica.pdf Acesso em: 1 abril 2023.

MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. **Pensar o corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PORTO, Alice. **Dito, não dito e maldito: redesenhar imagens feministas a partir de vestígios**. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/238253>. Acesso em: 18 de Março de 2023.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Disponível em: <https://campodiscursivo.paginas.ufsc.br/files/2020/04/Explosão-Feminista-H.-Buarque-de-Hollanda.pdf> Acesso em: 16 Janeiro 2023.

GOMES, Carla & Sorj, Bila. (2014). **Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. Sociedade e Estado** Acesso em: 23 Janeiro 2023.

Cryptodick, **Aladdin Edition**, 2021. Disponível em: <https://opensea.io/assets/ethereum/0x495f947276749ce646f68ac8c248420045cb7b5e/53620577646663260226456938131155087370459630186094802628565338598777760514049>. Último acesso em: 15 fevereiro 2023.

DERDYK, Edith. **Ponto de chegada, ponto de partida. In: A invenção da vida**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

ITAÚCULTURAL. Juliana Notari. **Coluna um certo alguém**. Publicada em 21.01.2021. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/entrevista/juliana-notari-um-certo-alguem> Acesso em: 1 maio 2022.

NOTARI, Juliana. **Spalt-me**, 2009. Disponível em: <https://www.juliananotari.com/spalt-meintervencao/> Acesso em: 23 março 2023.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica : uma abordagem didática**. Porto Alegre : Artmed, 2007.

TODD, Dylan. **O que é arte vetorial?** (SD) Disponível em:

<https://www.adobe.com/creativecloud/illustration/discover/vector-art.html> Acesso em: 01 maio 2022

ALVES CF Ferreira, Gabriela (2021). **HUMOR E ATIVISMO FEMINISTA NA OBRA DO COLETIVO GUERRILLA GIRLS**. Disponível em:

https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1613416755_ARQUIVO_cdc6f7a698ecc35e4d6a0b0937491e31.pdf

MASP. Catálogo da exposição “**Guerrilla Girls: gráfica 1985-2017**”. São Paulo, 2018.

FRANCO, Helena Martin. **Autoportrait d'une femme éléphant, 2010 - 2012**. Disponível em:

<http://www.helenamartinfranco.com/dessin/femme-elephant.html> Acesso em: 21 março 2023.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CLITOROCITY. Disponível em: <https://clitorosity.com>. Acesso em: 1 abril 2023.

ATALANTA, Hilde Sam. **The Vulva Gallery**. Disponível em:

<https://www.thevulvagallery.com/about>. Acesso em: 1 abril 2023.